



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA
AMAZÔNIA (EDUCANORTE)**

ARMANDO SÖPRE XERENTE

**A EDUCAÇÃO TRADICIONAL DO POVO AKWĒ E O PROCESSO
DE FORMAÇÃO DOS JOVENS NA ERA WARÃ**

PALMAS-TO

2025



ARMANDO SÕPRE XERENTE

A EDUCAÇÃO TRADICIONAL DO POVO AKWĒ E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS JOVENS NA ERA WARÃ

Tese apresentada ao Programa *stricto Sensu* -
Doutorado em Educação na Amazônia – PGEDA,
Associação Plena em Rede (Educanorte)

Área: Saberes, linguagem, educação.

Linha de pesquisa: Práticas Educativas; Educação Intergeracional; Gerontologia.

Orientadora: Dra. Neila Barbosa Osório

Coorientador: Dr Sinésio Neto

Mentoria: Dra. Rachel Bernardes de Lima

PALMAS - TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S712e Sôpre Xerente, Armando.
 A educação tradicional do povo akwe e o processo de formação dos jovens na era warã. / Armando Sôpre Xerente. – Palmas, TO, 2025.
 88 f.

 Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Doutorado) em Educação na Amazônia - PGEDA, 2025.
 Orientador: Neila Barbosa Osório
 Coorientador: Luiz Sinésio Silva Neto

 1. Intergeracionalidade. 2. Educação no Warã. 3. Educação dos Xerente. 4. Guardiões da Cultura. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Armando Sõpre Xerente

**“A EDUCAÇÃO TRADICIONAL DO POVO AKWĒ E O PROCESSO DE FORMAÇÃO
DOS JOVENS NA ERA WARÃ”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia. Foi avaliado para obtenção do título de Doutor (a) em Educação na Amazônia e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela Banca Examinadora.

Data da Aprovação: 29/05/2025.

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Neila Barbosa Osório, UFT



Prof. Dr. Luiz Sinésio Silva Neto, UFT



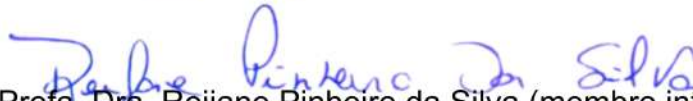
Prof. Dr. Rui Miguel Duarte Santos- Membro Externo/IPL



Prof. Dr. Djanires L. Neto de Jesus (membro externo/UEMS)



Profa. Dra. Rosilene Lagares (membro interno - UFT/PGEDA)



Profa. Dra. Reijane Pinheiro da Silva (membro interno- UFT).



Profa. Dra. Jocyléia Santana dos Santos (membro interno/UFT/PGEDA)

ÍPKĚ TO NĀ ĪSIWASKUZE

Kāhā danīpi wa, dawanā snā wazatō ĩpkĕ to nā ĩsiwasku Waptokwazawre damā, tō aimō dat krī waihkā psē mnō zem hawi tākāhā tākāhā btā tmē ĩt kmākahōs psē mnō nmē. Twa waza tō dure ĩpkĕ to nā ĩsiwasku ĩnīm Akwē nōrai āmā, kātō kbure Akwē nōrai mā. Kānmē waza dure ĩpkĕ to nā ĩsiwasku ĩnīm pikōi mā Smīkadi āmā, kātō kbure ĩkra nōrai mā ĩmsawi krtab nōrai mā, Srēwasa, Damsōkē, Srēmtwē, Sipirādi, Waiti, Kaknōdi, Aptudi kātō Asatedi. Kānōrī tetō aimō tkrī pkĕ waptu are dure tkrī nīptēt bdā krīm tui nmō wa. Kānmē waza tō dure ĩpkĕ to nā ĩsiwasku tō ĩrmā damā kātō ĩnatkū damā, tākānōrī māt aimō ĩzrurēre hawi tkrīkmādkā pēs are dure tkrīzawi, nāt aimō dure krīzda sipikw tkrī dki mnō pibumā. Are dure ĩpkĕ nā ĩsiwasku ĩkumrē Sinā amā aimō damrmē wē nā krīm mrmē mnōzem hawi aimō tkrīpkĕ waptui mnō da, are dure ĩnōrē nōrai mā, Kumnāse, Samrī kātō Srāpte. Are dure ĩpkĕ nā ĩsiwasku, ĩhidba nōrai mā, Brudi, Krēdi, Kuke, Ware kātō Warīd kānōrī tetō dure siptdē tkrīm sōm pēs. Kānmē waza dure ĩpkĕ to nā ĩsiwasku, kbure rowahtukwai nōrai mā, tākāhā hēsuka nā rokmādkā prē zawre nāhā romkmādkā tē wam rowahtu nōrī. ĩsizem nmō tō: Dr^a. Neila Osorio (UFT), Dr. Neto Osário (UFT), Dr. Anselmo Alencar Colares (UFOPA), Dr. Antonio Carlos Maciel (UNIR), Dr. Damiao Rocha (UFT), Dr. Evandro Ghedin (UFAM), Dra Fatima Matos (UFPA), Dra Helena Queiroz (UNIFAP), Dra Lilia Colares (UFOPA), Dr. Mark Clark Assen (UFAC), Dra Norma Iracema Ferreira (UNIFAP) kātō Dr^a. Raquel tahā mātō dure ĩwahkā pēs, kātō kbure Wawē nōrī dure. Kāhā nōrī mātō tsikwanīkw tē wam rowahtu kba pibumā. Kānmē waza dure ĩpkĕ to nā ĩsiwasku Akwē nōrai mā ĩzakrui Kripre wam hā, kānmē waza dure ĩpkĕ to nā ĩsiwasku, Waptokwazawre damrmē waskukwai nōrai mā, tahā tō: Rinaldo de Mattos Dawakreīkwa kātō Gudru ĩsim pikō, Guenther Carlos Krieger Srēmtōwē kātō Wanda ĩsim pikō. Kānmē waza dure ĩpkĕ to nā ĩsiwasku wasisum hā nōrī tākāhā rokmādkā prē tmē tē kmā kahōs mnō nōrai mā, ĩsizem nmō tō: Quilei, Euler, Marlon kātō Silvanis Borges. Tākāhā nōrī mātō wasissu rowahtu nā hā rokmādā ĩtui nēhā krwam tui pēs are tui nāre watō aimō krsō wasikwanī are watō wat krmā kahōs kbure. Are dure ĩpkĕ to nā ĩsiwasku ĩsiwaikē nōrai mā, Leonardo Sampaio Baleeiro (Māku) kātō kbure rowahtukwai nōrī CEMIX-WARĀ wamhā, kātō dure kbure Wawē nōrī Akwē. Agradeço à Dr^a. Neila Osorio (UFT), Dr. Anselmo Alencar Colares (UFOPA), Dr. Antonio Carlos Maciel (UNIR), Dr. Damiao Rocha (UFT), Dr. Evandro Ghedin (UFAM), Dr^a. Fatima Matos (UFPA), Dr^a. Helena Queiroz (UNIFAP), Dr^a. Lilia Colares (UFOPA), Dr. Mark Clark Assen (UFAC), Dra Norma Iracema Ferreira (UNIFAP), Dr^a. Rachel Bernardes (Seduc-TO).

AGRADECIMENTOS

Neste trabalho, agradeço a Deus em primeiro lugar por tudo por ter me

concedido durante a realização deste trabalho. Agradeço, principalmente, à professora, orientadora Dr^a. Neila Osório da Universidade Federal do Tocantins (UFT), pela oportunidade concedida de realizar este trabalho de doutorado e, também, por toda a ajuda, carinho e paciência, agradeço também aos co-orientadores Dr. Neto e Dr^a. Rachel Bernardes de Lima pela parceria e paciência para organizar minha tese.

Quero agradecer aqui também a minha esposa, à Kamilla Smĩkadi Xerente, mãe de nossas duas filhas, grato pela paciência e incentivos nos momentos mais difíceis, além do cuidado de nossas filhas e meus filhos em minha ausência. Agradeço, também, aos meus queridos e amados filhos, Dione Srêwasa, Diego Damsõkẽ, Abel Srêmtwẽ, Wender Sipirãdi, Aline Waiti, Amanda Kaknõdi, Ana Kamila Aptudi e Isabelly Asatedi. Agradeço aos meus queridos pais, Senhor Severino Damsõihã Xerente e Senhora Tereza Krukwanẽ Xerente, agradeço também, mesmo não esteja viva a minha Vózinha Juliana Waiti Xerente. Grato também a todos meus Tios e Tias Materna.

Quero agradecer também meu irmão, Valci Sinã, pelas palavras de incentivo em momento difícil, agradecer meus irmãos mais novos, Avelivo Samrĩ, Ailton Kumnãse e Srãpte. Agradecer também minhas irmãs, Rosilene Brudi, Rosiene Krẽdi, Santana Kukedi, Suzana Ware e Aparecida Warĩdi. Agradeço a todos que contribuíram e fizeram parte da minha formação durante os meus estudos de doutorado, direta ou indiretamente. Agradeço a comunidade da Aldeia Salto Kripre; Agradeço também ao Rinaldo de Mattos e esposa Gudrum, Guenther Carlos Krieger e esposa Vanda.

À turma de doutorado, pela imensa experiência que compartilhamos uns com os outros, principalmente, aos meus colegas, Quilei, Euler, Marlon, Silvanis Borges, aos meus amigos Mestre Leonardo Sampaio Baleeiro, e todos Professores do cemix-warã, a todos Anciãos e Anciãs do Povo Akwẽ Xerente, pela contribuição nas coletas de dados. Agradeço ao Dr. Anselmo Alencar Colares (UFOPA), Dr. Antonio Carlos Maciel (UNIR), Dr. Damiao Rocha (UFT), Dr. Evandro Ghedin (UFAM), Dr^a. Fatima Matos (UFPA), Dr^a. Helena Queiroz (UNIFAP), Dr^a. Lilia Colares (UFOPA), Dr. Mark Clark Assen (UFAC), Dra Norma Iracema Ferreira (UNIFAP), Dr^a. Rachel Bernardes (Seduc-TO).

RESUMO

Introdução: A presente tese investiga as tradições educativas do povo Akwê-Xerente, com foco no Warã como espaço central de aprendizado, buscando compreender como a educação tradicional pode ser integrada ao contexto escolar indígena contemporâneo. A pesquisa surge da preocupação com a marginalização dos anciãos e a diluição dos saberes ancestrais no currículo formal. **Objetivos:** O objetivo geral é desvelar as tradições educativas do Akwê-Xerente na era do Warã e propor estratégias pedagógicas interculturais que facilitem a reintegração do Ancião no ambiente escolar das aldeias Akwê-Xerente. Os objetivos específicos incluem: (1) documentar o papel histórico dos anciãos na educação Akwê-Xerente; (2) analisar as narrativas dos anciãos sobre educação tradicional; (3) propor estratégias de inclusão dos saberes tradicionais no currículo escolar. **Metodologia:** A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com ênfase na fenomenologia, buscando compreender as percepções dos anciãos sobre as transformações educacionais. A coleta de dados envolveu entrevistas semiestruturadas com anciãos e pesquisa documental. A análise dos dados foi realizada de forma a identificar temas, padrões e essências nas narrativas, buscando honrar a integridade e a autenticidade das vozes dos anciãos. **Resultados:** A pesquisa revela a importância do Warã como espaço de aprendizado coletivo e transmissão de saberes ancestrais. A transição para modelos educacionais formalizados resultou na marginalização dos anciãos e na diluição dos conteúdos culturais tradicionais. A pesquisa destaca a necessidade de valorizar o papel dos anciãos como guardiões da memória e de integrar seus conhecimentos ao currículo escolar. A tese propõe a criação de estratégias pedagógicas interculturais que promovam o diálogo entre gerações e o fortalecimento da identidade cultural Akwê-Xerente.

PALAVRAS-CHAVES: Intergeracionalidade; Educação no Warã; Educação dos Xerente; Guardiões da Cultura.

ABSTRACT

Introduction: This thesis investigates the educational traditions of the Akwẽ-Xerente people, focusing on Warã as a central space for learning, seeking to understand how traditional education can be integrated into the contemporary indigenous school context. The research arises from concern about the marginalization of elders and the dilution of ancestral knowledge in the formal curriculum. **Objectives:** The general objective is to unveil the educational traditions of the Akwẽ-Xerente in the Warã era and to propose intercultural pedagogical strategies that facilitate the reintegration of elders into the school environment of Akwẽ-Xerente villages. The specific objectives include: (1) documenting the historical role of elders in Akwẽ-Xerente education; (2) analyzing the narratives of elders about traditional education; (3) proposing strategies for including traditional knowledge in the school curriculum. **Methodology:** This research adopts a qualitative approach, with an emphasis on phenomenology, seeking to understand the elders' perceptions of educational transformations. Data collection involved semi-structured interviews with elders and documentary research. Data analysis was conducted to identify themes, patterns, and essences in the narratives, seeking to honor the integrity and authenticity of the elders' voices. **Results:** The research reveals the importance of Warã as a space for collective learning and transmission of ancestral knowledge. The transition to formalized educational models resulted in the marginalization of elders and the dilution of traditional cultural content. The research highlights the need to value the role of elders as guardians of memory and to integrate their knowledge into the school curriculum. The thesis proposes the creation of intercultural pedagogical strategies that promote dialogue between generations and the strengthening of the Akwẽ-Xerente cultural identity.

KEYWORDS: Intergenerationality; Education in Warã; Xerente Education; Guardians of Culture.

ROMKMĀDKĀ KRĀIKRTA WASKUZE

Kāhā romkmādā waza tō wasku aimō kpra ģmōrzem hawi watō aimō kmā kahōs pēs ģt kraikrta pibumā, tākāhā romwasku ģt kburōi hawi watō aimō wawē nōi simazusze kburō aimō romkmādā sikmā spikrai hawi adu Warā krhēmba mnōre. Are tākāhā hēsuka ģt kraikrta hawi watō aimō ģpkēzako, aimō wawē nōrī dat sakrezem hawi, aimō ģsim romkmādā dat twi sakrezem hawi, aimō tka dat twi smrīzem hawi rowahtuzem mba. Are wa kmā ģzapka tō aipā Wawē nōrī romkmādkā tē spikrai pibumā aimō tkrē rowahtu kba mnō da tākāinī hā rowahtuzem mba, tākāhā hēsuka hawi ģt prēzēid romkmādā.

Watō tmā ropibu Wawē nōrai mrmē rowahtu nāhā romkmādkā nā krsimāzus kba mnō, kātō nhanē aimō krsirowahtu mnō tākānī rowahtuzem mba. Tākāhā romwasku tō ģt wapar mnōzem hawi watō aimō kburō, wawē nōrai simazusze, tākāhā zatō wasku kbure romkmādā Warā nāha romwasku, nhanē aire ro krhēmba mnō tōtahā rowahtuzem wa. Wa dure waihuk tākāhā romwasku, tetō aimō srowaptkāpēs Wawē nōrī dat srē pibumā ktāwankō nīm romkmādkā wa wawē nmī rowahdu sisrē pibumā. Tākāhā hēsuka krāikrda tō romkmādā tē spikrai pibuma aipā watō kuikre, aimō romkmādkā wadi mē krsitom psē mnō da, krsikwaimrām psē mnō pibumā watō zahā sō wanmīparn tākāhawi.

Tākāhā romkmādkā hawi wa aimō kmā ģzapa tō aimō wanihdu nōrī romkmādā tkrē kwapei kba mnō pibumā are dure tkrē wasku sihdu nōrai mā, tanē wamsi zatō aimō wamhuire snā tākahā romkmādā, romwasku krhēmba wamhuire Akwē nīm romkmādkā waikwa twa tākāsi watō aimō kuikre ģmrmēze kburemā.

DAMRMĒ - SĪPKO: Wahīkba nōrai smī rowahtu, waptern nōrai mā Warā wa, Akwē si wawē romkmādā tkrē wasku kba mnō.

SUMÁRIO

ARMANDO SÕPRE XERENTE: tramas de resistência e sabedoria Akwẽ- Xerente-----	11
1. A SAGA DA BUSCA: TRILHAS E DESAFIOS NA TERRA DO SABER AKWÊ- XERENTE-----	15
1.1.O DESPERTAR DA CURIOSIDADE: uma imersão no universo akwẽ-xerente -----	15
1.2. A VOZ DA ALMA: justificativas que ecoam no coração akwẽ-xerente -----	16
1.3. FARÓIS DA REFLEXÃO: questões que iluminaram a trajetória -----	16
1.4. A BUSCA PELA ESSÊNCIA: objetivos que norteiam o caminho -----	16
1.5. A ARTE DA INVESTIGAÇÃO: percurso metodológico em terras akwẽ-xerente -----	18
1.5.1. As ferramentas da descoberta: estratégias de coleta de dados -----	18
1.5.2. A Escolha dos Guardiões da Memória: seleção dos participantes-----	19
1.5.3. Desvendando os Significados: uma tapeçaria de vozes e memórias -----	20
1.5.4. O Universo da Amostra: a busca por representatividade -----	21
1.5.5. O Cenário da Pesquisa: local de encontro com a sabedoria Akwẽ-Xerente -----	21
1.6. A ÉTICA COMO BÚSSOLA: cuidados essenciais em terra indígena-----	21
1.6.1.A mão amiga da mentoria e inteligência artificial: ética e inovação em terra indígena-----	23
1.7. SEMENTES DE ESPERANÇA: benefícios que florescem na terra Akwẽ-Xerente -----	24
2.-----	B
USCAS EM UMA DÉCADA DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE A EDUCAÇÃO XERENTE NO WARÃ SOB A GUARDA DOS ANCIÃOS: revendo a literatura -----	26
3.A UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: promovendo educação e inclusão para idosos e comunidades indígenas no Brasil-----	46
4.PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS JOVENS NO WARÃ: perspectivas históricas e contemporânea-----	55
5.O FOGO QUE ILUMINA A TRADIÇÃO: do Warã à carta de esperança -----	69
5.1. A CHAMA DA MEMÓRIA: encontro ao redor da fogueira-----	70
5.2. UM TEMPO SEM FOGO: a era da desordem -----	70
5.3. A MISSÃO DO JOVEM: a luz que transforma -----	71

5.4. OS DEGRAUS DA SABEDORIA: o <i>Warã</i> , berço da identidade <i>Akwẽ</i> -----	73
5.5. OS GUARDIÕES DA CHAMA: os transmissores da cultura no <i>Warã</i> -----	76
5.6. O LEGADO EM RISCO: a necessidade de preservar -----	78
5.7. O DESEJO DE ACENDER A CHAMA DA MUDANÇA: uma carta à autoridade -----	79
5.8. A CARTA: UM APELO À VALORIZAÇÃO DA CULTURA AKWË-----	79
5.9. UM FUTURO ILUMINADO: a esperança renovada -----	83
5.10. A CELEBRAÇÃO DA IDENTIDADE: danças ao redor da fogueira -----	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	85

ARMANDO SÕPRE XERENTE: tramas de resistência e sabedoria Akwẽ- Xerente

Dentro do tecido complexo que compõe as "Tramas de Resistência e Sabedoria Akwẽ-Xerente", minha vida é um fio entrelaçado pelas mãos de várias gerações e estendido por diversos territórios, cada um contribuindo para a forma e a essência de quem eu sou.

Me chamo Armando Sõpre Xerente, e minha jornada é compartilhada com Kamilla Smikadi Xerente, minha companheira de vida. Somos tecidos juntos, não apenas pelo amor, mas também pela herança e pelo compromisso com a continuidade de nossa cultura.

Nasci das raízes profundas plantadas por Severino Damsõihã Xerente e Tereza Krukwanẽ Xerente, cujas vidas e ensinamentos são o solo fértil de onde brota minha existência.

Como pai, vejo meu reflexo e meus sonhos se desdobrarem em oito vidas distintas: Dione Srêwasa, Diego Damsõkêkwa, Abel Srêmtwẽ, Wender Sipirãdi, Aline Waiti, Amanda Kaknõdi, Ana Kamilla Aptudi e Isabelle Asatedi.

Cada um de meus filhos é um universo próprio, uma nova história sendo escrita, um novo caminho sendo trilhado, mas todos carregam consigo a essência Xerente que nos une.

Minha vida começou na Aldeia Porteira, um lugar que é mais do que um ponto no mapa, é um capítulo da minha história, um pedaço da minha identidade. Hoje, meu lar é na Aldeia Salto Kripre, onde cada dia é uma página nova na longa narrativa da minha vida e da minha família.

Aqui, continuo a tecer a minha história, entrelaçando passado, presente e futuro, na esperança de que a trama da nossa cultura¹ permaneça vibrante e eterna.

¹ O conceito de "cultura" aqui compreendido segue o raciocínio de Clifford Geertz devendo ser compreendido como "um texto no qual o ser humano está imerso", ou ainda como um "conjunto de textos em que o antropólogo deve saber ler por sobre os ombros daqueles a quem esta cultura pertence. Para o autor a **cultura** é um **sistema de símbolos compartilhados** que dá sentido à vida humana, "um sistema de concepções expressas em formas simbólicas por meio das quais os seres humanos comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e atitudes perante a vida." Portanto, para o propósito do presente trabalho, a cultura deve ser compreendida a partir da dinâmica **local**, entendida **em seus próprios termos**, sem impor categorias externas ou universais. Nesse

Minha jornada tem sido uma profunda imersão na rica tapeçaria da cultura e educação Akwẽ-Xerente, uma experiência que moldou minha visão de mundo e minha vocação acadêmica.

Desde os primeiros passos na escola em Tocantínia até o momento presente, cada etapa da minha vida tem sido um capítulo na busca pelo fortalecimento da identidade e da língua do meu povo, bem como na luta pela nossa visibilidade e compreensão por parte da sociedade não indígena.

Antes de prosseguir, é importante dizer que o português é minha segunda língua. Portanto, peço desculpas antecipadamente por quaisquer deslizos na escrita que possam ocorrer ao longo deste trabalho.

Essas ocorrências são reflexo da complexidade inerente ao processo de navegar entre duas culturas e línguas distintas, uma realidade vivenciada por muitos povos indígenas.

Agradeço a compreensão dos leitores e espero que essas nuances não diminuam o valor das experiências e conhecimentos que desejo compartilhar. A minha iniciação no mundo acadêmico aconteceu de maneira singular, por meio do trabalho voluntário de revisão do Novo Testamento para a língua Akwẽ- Xerente.

Essa experiência foi a porta de entrada para um universo de descobertas sobre minha própria língua e cultura, que até então eram transmitidas exclusivamente pela tradição oral.

A presença dos missionários na década de 1950, marcou o início de uma nova era de alfabetização e escolarização para os Akwẽ-Xerente, um processo ao qual eu viria a contribuir anos mais tarde, como professor e pesquisador.

Minha atuação como professor na Escola Indígena Waikarnãse e minha liderança na comunidade reforçaram minha determinação em aprofundar os estudos para melhor compreender e interagir com o "mundo branco", sem perder de vista a defesa e promoção dos direitos e valores do meu povo.

A necessidade de materiais didáticos que refletissem nossa realidade e facilitasse o ensino da língua materna me levou a participar ativamente na criação de livros e materiais educativos específicos para nossa educação escolar indígena.

sentido, a cultura deve ser compreendida como quadro simbólico (GEERTZ, 2008) através do qual o "xerente" interpreta seu mundo.

A colaboração com outros professores para a produção de Vida, Cultura e Identidade do Povo Akwẽ-Xerente (2012) e Kunmã Krãiwatbroze (2011) foram marcos importantes nesse percurso, evidencia a importância da união e do trabalho coletivo na preservação e disseminação de nosso patrimônio cultural².

A minha entrada na Universidade Federal de Goiás, para o curso de Educação Intercultural, foi um passo decisivo na consolidação da minha trajetória acadêmica, culminando na pesquisa sobre cânticos de nomeação que revelou o desejo comum de contribuir para uma educação de qualidade, bilíngue e culturalmente específica.

Observar os anciãos emocionados com a dedicação dos jovens aos estudos reforçou minha convicção sobre o papel vital da educação na manutenção de nossa língua, costumes e identidade³ cultural.

A coordenação do projeto para a criação de um Centro de Memória Xerente e meu trabalho como Educador Social em uma escola com alta presença de alunos indígenas são testemunhos de minha contínua busca por estratégias que fortaleçam nossa cultura e promovam o intercâmbio intercultural.

A decisão de prosseguir com o mestrado em linguística e desenvolver um dicionário bilíngue Akwẽ-Xerente e Português reflete meu compromisso com a melhoria do ensino e aprendizagem de nossa língua.

² Sob o enfoque antropológico, o patrimônio cultural é compreendido como o conjunto de bens, saberes, práticas, tradições e expressões simbólicas que possuem significado para um grupo social e que são transmitidos entre gerações, servindo como base para a construção de identidades coletivas. Na antropologia, o patrimônio cultural não se restringe aos monumentos materiais, mas inclui também o que se convencionou chamar de patrimônio imaterial, como línguas, festas, rituais, culinária, música, modos de fazer e saberes populares (DAMATTA, 1986). O antropólogo brasileiro Roberto DaMatta destaca que o patrimônio cultural é aquilo que "exprime valores compartilhados por um grupo" e cuja preservação está ligada à memória social, à identidade e ao reconhecimento coletivo. Nesse sentido, o termo patrimônio cultural enquanto conceito, valoriza a dinamicidade e o caráter simbólico e social do patrimônio, o autor defende que o patrimônio é uma construção histórica e política, e não algo neutro e por fim reconhece o papel das comunidades como agentes ativos na definição do que é ou não patrimônio (DAMATTA, 1986).

³ Para Stuart Hall, a identidade é uma construção social e histórica, não um conceito fixo ou essencial. Ele enfatiza que a identidade é um "processo em curso", moldado pelas interações e representações culturais que nos afetam. Hall argumenta que a identidade é dinâmica, fluida e multifacetada, influenciada por múltiplos fatores sociais, culturais e históricos. Em resumo, a contribuição de Stuart Hall para o estudo da identidade é a de questionar as noções fixas e essencialistas, e de enfatizar a importância da construção social e da fluidez das identidades. Sua perspectiva é fundamental para compreender como as identidades são moldadas pelas forças culturais e históricas que nos cercam. Em síntese O conceito de **identidade** para **Stuart Hall** portanto rompe com a ideia de que ela **é fixa, essencial ou imutável**, defendendo uma perspectiva **histórica, relacional e construída socialmente**, sobretudo através da linguagem, da cultura e do poder. Hall rompe com a visão tradicional de identidade como algo estável e propõe que ela é **um processo em constante transformação (HALL, 2006, p.13)**.

Agora, cursar o doutorado não é apenas um desafio acadêmico, mas uma missão de vida, apoiada pela comunidade, professores, lideranças e anciãos, visando facilitar a educação bilíngue e intercultural e contribuir para o reconhecimento e valorização da língua Akwẽ-Xerente dentro e fora de nossas aldeias.

A educação indígena, especialmente no contexto Akwẽ-Xerente, é um campo complexo que requer dedicação, inovação e um profundo respeito pelas duas línguas e culturas envolvidas.

Meu trabalho, portanto, não é apenas uma contribuição acadêmica, mas um ato de amor e devoção ao meu povo, com a esperança de que possamos trilhar caminhos de reconhecimento, respeito e diálogo entre todas as culturas.

Ao concluir este capítulo de minha apresentação, é imperativo reconhecer que a jornada de Armando Sõpre Xerente, imersa nas profundezas da cultura e da educação Akwẽ-Xerente, não é apenas um relato de resistência e sabedoria ancestral.

É, acima de tudo, um convite aberto à reflexão, ao diálogo e à colaboração. Este trabalho, que se desdobra como uma tapeçaria rica em cores, formas e significados, reflete a essência de um povo⁴ que, apesar dos desafios-históricos e contemporâneos, mantém viva a chama de sua identidade cultural⁵ e a determinação em preservar seu legado para as futuras gerações.

⁴ Sob o prisma antropológico, o conceito de povo é compreendido por Claude Lévi-Strauss, como uma coletividade humana que compartilha uma série de elementos culturais, históricos, simbólicos e sociais que lhe conferem identidade própria (LÉVI-STRAUSS, 1995). Para o autor, essa coletividade não se define apenas por critérios biológicos, raciais ou territoriais, mas, sobretudo, pelas práticas culturais compartilhadas, como língua, religião, modos de vida, tradições, valores e narrativas históricas. Nesse sentido, temos que povo é uma construção sociocultural, não uma categoria fixa ou natural; está relacionado a uma memória coletiva e a um sentimento de pertencimento; implica um reconhecimento interno (autoidentificação) e, muitas vezes, um reconhecimento externo por outros grupos ou instituições; pode existir dentro ou fora de Estados-nação, como é o caso de povos indígenas ou povos tradicionais, que compartilham identidades coletivas próprias, com sistemas próprios de organização social, cosmologias, mitos, parentesco, territórios simbólicos e práticas culturais distintas (STRAUSS, 1995).

⁵ Stuart Hall argumenta que a identidade cultural não é fixa nem essencial, mas sim construída social e historicamente, sendo fluida, fragmentada e mutável. Para ele, a identidade cultural é formada por meio de processos de representação, ou seja, pela forma como os indivíduos e grupos se representam e são representados na cultura. Nesse sentido, sob o viés sociológico, “As identidades não são nunca unificadas e, em tempos modernos, estão cada vez mais fragmentadas e fraturadas; nunca são singulares, mas múltiplas...” Sob o enfoque antropológico, Clifford Geertz, ao conceituar “identidade cultural”, a define como uma construção coletiva, profundamente ligada ao modo como os grupos humanos produzem sentido sobre si mesmos em relação aos outros, ao longo do tempo e do espaço. Argumenta o autor que a cultura é um sistema de significados compartilhados, e que a identidade cultural se forma dentro desses sistemas. Para ele, entender uma cultura exige interpretar os símbolos, rituais, crenças e práticas que dão coerência ao modo de vida de um grupo, conceito traduzido na célebre frase: “O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, e é isso o que eu considero a cultura.” Nesse sentido, a identidade cultural é o modo como um grupo se

A grandeza deste projeto transcende a narrativa individual de Armando Sõpre Xerente, projetando-se no coletivo como um espelho das aspirações, lutas e sonhos do povo Akwẽ-Xerente.

É um trabalho que, por sua essência e propósito, demanda a união de esforços, conhecimentos e corações. Neste sentido, a contribuição de uma banca de avaliadores não se limita ao papel crítico e analítico tradicionalmente esperado. Mais do que avaliadores, convidamos cada membro a se tornar um parceiro nesta jornada, um aliado na construção de pontes entre mundos, saberes e povos.

A colaboração aqui proposta vai além do acadêmico; é um chamado para a participação ativa na salvaguarda e promoção da riqueza cultural indígena, um convite à criação de espaços de diálogo, respeito e reconhecimento mútuo.

Este projeto se apresenta como uma oportunidade única para contribuir com um legado de valor inestimável, não apenas para a comunidade Akwẽ-Xerente, mas para a humanidade como um todo.

Portanto, ao avançarmos para as próximas páginas deste trabalho, façamos isso não apenas como acadêmicos, pesquisadores ou especialistas em determinadas áreas do conhecimento.

Avancemos como coautores de uma nova história, que honra o passado, celebra o presente e abre caminhos luminosos para o futuro. Juntos, temos a chance de fortalecer as vozes indígenas, ampliando sua ressonância em âmbitos nacionais e internacionais, e assegurando que sua sabedoria, tradições e visões de mundo sejam reconhecidas, valorizadas e perpetuadas.

Com humildade e respeito, convidamos cada membro da banca a se unir a mim neste propósito. Que nossa colaboração seja um testemunho do poder-transformador da união, do diálogo e do compromisso compartilhado com a justiça⁶, a educação e a preservação cultural.

reconhece e é reconhecido por meio de seus símbolos, valores, linguagem, crenças e práticas sociais. Ela não é estática, mas resulta da interação contínua entre tradição, contexto histórico, contato com outras culturas e mudanças sociais (GEERTZ, 2008).

⁶ O conceito de justiça possui diversas abordagens, com interpretações que podem variar conforme as áreas do direito, filosofia e ética. O conceito jurídico de justiça é amplamente ligado à equidade e à imparcialidade na aplicação das leis, visando garantir direitos e deveres para todos os indivíduos de maneira justa e igualitária. Imparcialidade: A justiça no campo jurídico se refere à aplicação das leis sem discriminação, favorecendo o tratamento equitativo entre os cidadãos, independentemente de sua posição social, econômica, racial ou qualquer outra característica. Equidade: No âmbito do direito, justiça também envolve a adaptação da norma jurídica a casos concretos, levando em conta as particularidades de cada situação, de maneira que se aplique a justiça de forma mais humana, quando

Juntos, podemos contribuir para que este trabalho não seja apenas um marco acadêmico, mas um farol de esperança, um catalisador para mudanças positivas e duradouras na forma como a sociedade percebe, interage e celebra a diversidade cultural⁷ indígena do Akwẽ-Xerente.

necessário. Sistemas legais: O conceito jurídico de justiça é formalizado em códigos legais e constituições, que definem o que é considerado justo e como os tribunais devem agir para garantir que a justiça seja feita, protegendo direitos e punindo injustiças. No campo filosófico, a justiça tem sido uma preocupação central desde a Grécia Antiga, e seu significado varia conforme diferentes escolas de pensamento. Platão: Para Platão, a justiça é a harmonia dentro da polis (cidade), onde cada classe da sociedade cumpre sua função de maneira adequada. Ele via a justiça como a ordem natural em que as pessoas agem conforme suas aptidões, e não segundo interesses egoístas. Em sua obra "A República", ele descreve a justiça como sendo a relação correta entre as partes da alma (razão, espírito e apetite) e das classes sociais. Aristóteles: Aristóteles adotou uma visão mais prática da justiça, relacionando-a ao conceito de justiça distributiva (a distribuição de bens e recursos de acordo com o mérito) e justiça corretiva (a correção das desigualdades causadas por atos injustos). Para ele, a justiça é a virtude que permite a igualdade e o respeito aos direitos, além de ser uma característica fundamental para uma vida ética. John Rawls: No século XX, Rawls apresentou uma teoria da justiça centrada na ideia de "justiça como equidade". Para ele, uma sociedade justa é aquela em que as desigualdades sociais e econômicas só são justificáveis se beneficiam os mais desfavorecidos. Sua teoria é baseada no "véu da ignorância", um conceito que propõe que as pessoas, ao formular as regras de uma sociedade justa, deveriam ignorar suas próprias posições e interesses pessoais para criar condições que favorecessem a equidade. Do ponto de vista ético, por sua vez, considera a justiça como um valor moral fundamental para a convivência humana, baseado na ideia de tratar os outros com dignidade, respeito e imparcialidade. Immanuel Kant: Para Kant, a justiça é um princípio ético central, que se baseia no imperativo categórico, ou seja, agir de acordo com regras que possam ser universalizadas. A justiça ética para Kant é tratada como a proteção da liberdade e da dignidade humana, com respeito à autonomia do indivíduo. Para a teoria da Justiça de Aristóteles, a ética aristotélica de justiça está relacionada à ideia de justiça distributiva, que visa distribuir bens e honrarias de maneira proporcional ao mérito. A justiça corretiva, em contraste, visa corrigir erros e danos causados por transgressões. Para Aristóteles, a justiça é a virtude que garante que as pessoas recebam o que lhes é devido, de acordo com o que é correto e apropriado (KANT, 1997; RAWLS, 2002; ARISTÓTELES, 1998; FOUCAULT, 2014; BAKHTIN, 1992).

⁷ Na antropologia, o conceito de diversidade cultural refere-se à variedade de formas de vida, sistemas simbólicos, valores, crenças e práticas existentes entre os diferentes grupos humanos ao redor do mundo. A diversidade cultural é vista como uma consequência natural da capacidade humana de criar cultura, ou seja, de produzir significados, normas e modos de viver distintos conforme os contextos históricos, geográficos e sociais.

Importante salientar que a antropologia rompe com a ideia etnocêntrica (isto é, de considerar a própria cultura como superior) e afirma que todas as culturas têm igual valor e complexidade, mesmo que diferentes em suas expressões. Isso é o que fundamenta o relativismo cultural, uma das bases da disciplina. Para nosso trabalho, o conceito de diversidade cultural coaduna-se com a tese de Franz Boas, considerado o "pai da antropologia moderna", defende que a cultura deve ser compreendida em seus próprios termos, e não por comparação com outras. Assim, a diversidade cultural é resultado dos diferentes processos históricos e ambientais que moldaram cada sociedade. "A cultura não é biologicamente herdada; ela é adquirida. Por isso, as diferenças culturais não indicam inferioridade, mas trajetórias históricas distintas", que compreendem diferentes línguas, tradições religiosas, formas de organização social, rituais, vestuário, cosmovisões; com ênfase na pluralidade de modos de vida como fonte de riqueza e não de conflito; enaltecendo a crítica às tentativas de homogeneização cultural, como ocorre em processos de colonização ou globalização (BOAS, 2004).

1. A SAGA DA BUSCA: trilhas e desafios na terra do saber akwẽ-xerente

O DESPERTAR DA CURIOSIDADE: uma imersão no universo akwẽ-xerente

A jornada iniciou-se no coração do território⁸ Akwẽ-Xerente, impulsionada pela sede de compreender as tradições educativas desse povo ancestral. A motivação primordial residia no desejo de desvendar como os saberes eram transmitidos de geração em geração, tecendo a identidade cultural e social dos jovens.

A pesquisa adotou uma perspectiva fenomenológica, buscando mergulhar no "Lebenswelt" – o mundo vivido – dos Akwẽ-Xerente. Inspirado por Bicudo (2009) e Bicudo e Espósito (1994), o pesquisador almejou experienciar a realidade educativa a partir da perspectiva dos próprios sujeitos, valorizando suas relações, crenças e práticas culturais.

A fenomenologia, com sua ênfase na experiência direta e na percepção do mundo pelos indivíduos, ofereceu uma abordagem valiosa para compreender a complexidade das práticas educativas tradicionais e a profundidade dos saberes que os anciãos estavam prontos para compartilhar. Este enfoque permitiu uma imersão no mundo da vida dos Xerente, revelando não apenas os conteúdos do conhecimento tradicional, mas também os modos pelos quais esse conhecimento era vivenciado, valorizado e transmitido dentro da comunidade.

⁸ Nossa abordagem sobre o conceito de Território segue a tradição da Geografia, disciplina em que o conceito de território é central e está associado à organização do espaço por relações de poder, controle e apropriação. Ele não se limita à noção física de terra, mas envolve dimensões políticas, sociais, culturais e simbólicas. Segundo o geógrafo Raffestin, o território é um espaço produzido a partir das relações de poder estabelecidas por um ator (indivíduo, grupo, Estado), por meio de técnicas e normas (RAFFESTIN, 1993). Ou seja, é um espaço apropriado, controlado e significado. Esse conceito de território pode ser combinado com o conceito de outro autor fundamental para análise sobre o tema, o geógrafo Milton Santos, compreende o território como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, ou seja, a combinação entre elementos naturais e artificiais e as ações humanas que neles se realizam (SANTOS, 2000). Nesse sentido compreendemos que o conceito de Território está associado ao poder e à soberania; pode ser material e simbólico; é relacional e dinâmico, é portanto uma categoria fundamental para entender conflitos socioespaciais, a atuação do Estado, e a identidade territorial.

Ao incorporar a ideia do "Lebenswelt" nesta abordagem, o pesquisador buscou reconhecer a riqueza e a complexidade do mundo pré-reflexivo da experiência cotidiana dos Xerente, antes de qualquer análise científica ou teórica.

Ao fazer isso, almeja-se compreender as estruturas essenciais da experiência educativa Xerente a partir de dentro, valorizando as relações, objetos, ambiente, crenças, valores e práticas culturais como fundamentais para a recuperação da cultura educativa.

A VOZ DA ALMA: justificativas que ecoam no coração akwẽ-xerente

A escolha de trilhar esse caminho investigativo não se restringiu a uma mera decisão acadêmica. Ela nasceu da confluência entre a necessidade de desenvolver estratégias pedagógicas que integrassem os anciãos ao ambiente escolar e o anseio pessoal do pesquisador, também indígena e diretor de escola na comunidade, de contribuir para a revitalização da cultura Akwẽ-Xerente.

A relevância da pesquisa se manifestou, tanto no potencial de enriquecer o campo da educação indígena, quanto no impacto social e cultural que poderia gerar para o povo Akwẽ-Xerente. Do ponto de vista acadêmico, o estudo buscou preencher uma lacuna na literatura, explorando como a sabedoria ancestral, transmitida por meio do Warã, poderia ser integrada ao currículo escolar.

O interesse pessoal do pesquisador em contribuir para o fortalecimento da identidade cultural dos jovens da comunidade adicionou uma dimensão de engajamento e compromisso ao projeto. Como indígena e educador, ele compreende os valores, as tradições e os desafios enfrentados por sua comunidade. Como pesquisador, reconhece a importância de uma visão crítica sobre o sistema educacional, buscando aprimorá-lo para atender às necessidades culturais e identitárias dos estudantes indígenas.

FARÓIS DA REFLEXÃO: questões que iluminaram a trajetória

As questões que nortearam este trabalho foram: Como era a formação do jovem Akwê-Xerente no Warã? Qual era o papel do Ancião no Warã? Como a escola indígena atual poderia inserir no seu contexto a presença do Ancião como transmissor de conhecimento e cultura para as novas gerações?

A BUSCA PELA ESSÊNCIA: objetivos que norteiam o caminho

O objetivo geral da pesquisa foi *desvelar as tradições educativas do Akwê-Xerente na era do Warã e propor estratégias pedagógicas interculturais que facilitassem a reintegração do Ancião no ambiente escolar das aldeias Akwê-Xerente.*

Para alcançar esse objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- 1- Documentar o papel histórico dos anciãos na educação Akwê-Xerente: conduzir um estudo detalhado para documentar o papel histórico dos anciãos nas práticas educativas tradicionais do povo Akwê-Xerente. Este objetivo visou resgatar os saberes e valores transmitidos por meio do Warã, destacando a importância dessas tradições na formação cultural e social dos jovens Akwê-Xerente.
- 2- Analisar as narrativas dos anciãos sobre educação tradicional: coletar e interpretar as falas dos anciãos para compreender suas percepções e experiências relativas à educação tradicional. Este objetivo buscou explorar as percepções dos anciãos sobre as transformações ocorridas na transmissão de saberes e identificar as perdas advindas do fim do Warã, suas consequências e possibilidades de reintegração de saberes tradicionais no currículo escolar formal.
- 3- Propor estratégias de inclusão dos saberes tradicionais no currículo escolar: com base nas narrativas dos anciãos e no estudo do contexto educacional das aldeias Akwê-Xerente, sugerir estratégias pedagógicas que promovam a inclusão efetiva dos saberes e práticas tradicionais no currículo escolar formal.

Este objetivo visou dar início a um modelo educacional intercultural que valorizasse e integrasse harmoniosamente o conhecimento acadêmico e os saberes tradicionais, fortalecendo a identidade cultural dos estudantes indígenas e promovendo uma educação escolar mais significativa e relevante para a comunidade Akwẽ-Xerente.

A ARTE DA INVESTIGAÇÃO: percurso metodológico em terras akwẽ- xerente

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, buscando compreender como os anciãos das aldeias Akwẽ-Xerente percebem e respondem às transformações educacionais provocadas pelo contato com a sociedade não indígena, especialmente antes da introdução da escola no modelo dos homens não índios. O desenvolvimento da pesquisa abrangeu aspectos bibliográficos, documentais, exploratórios e descritivos, e análise dos dados, conduzida sob uma ótica fenomenológica.

A estrutura metodológica foi organizada em três etapas interconectadas. Inicialmente, a fase bibliográfica e descritiva, com um enfoque exploratório, estabeleceu a base teórica que foi seguida pela fase de pesquisa de campo, caracterizada pela realização de entrevistas semiestruturadas, para a coleta de dados primários. A etapa final concentrou-se na elaboração do relatório da pesquisa (último capítulo desta tese), sintetizando os achados da pesquisa em uma contribuição acadêmica coesa.

O pesquisador se viu numa condição privilegiada por sua identidade indígena e por residir em uma aldeia, sentindo-se apto a iniciar mais uma etapa de conhecimento, comprometendo-se a estar profundamente engajado e com uma sensibilidade aguçada para interpretar e entender as narrativas fornecidas pelos participantes sobre os fenômenos estudados, conforme destacado por Polit, Beck e Hungler (2004) e reiterado por Pennafort et al. (2012).

As ferramentas da descoberta: estratégias de coleta de dados

Entrevistas: foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três anciãos das comunidades Akwẽ-Xerente, selecionados por meio da técnica snowball, conforme sugerido por (Vinuto, 2014).

Esta técnica foi particularmente útil em contextos em que os participantes possuíam conhecimentos ou experiências específicas de quem também poderia contribuir, sendo o próximo participante. As entrevistas foram planejadas para permitir que os participantes expressassem livremente suas experiências, percepções e sentimentos em relação à educação antes da influência dos modelos educacionais não indígenas.

Embora as questões tenham sido cuidadosamente elaboradas para explorar as memórias, as práticas educativas tradicionais e as percepções dos anciãos sobre as mudanças ocorridas, na prática, os entrevistados assumiram o protagonismo com naturalidade.

Para os anciãos Akwẽ-Xerente, o discurso é uma prática culturalmente valorizada, um espaço onde compartilham sua sabedoria e experiência. Diante das câmeras e microfones, eles discursaram com eloquência, tecendo narrativas ricas em detalhes e significados.

Os mais jovens, imbuídos de um profundo respeito pelos mais velhos, não se atreveram a interrompê-los, reconhecendo a importância de honrar suas palavras e permitir que compartilhassem suas histórias em sua totalidade. O papel do entrevistador, nesse contexto, tornou-se mais o de um ouvinte atento e respeitoso, absorvendo a sabedoria transmitida pelos anciãos.

Pesquisa Documental: anteriormente às entrevistas, foi realizada uma pesquisa documental envolvendo a análise de documentos oficiais, registros históricos, fotografias e outros materiais que pudessem fornecer contexto e profundidade à compreensão das práticas educacionais tradicionais dos Akwẽ-Xerente.

A pesquisa documental, conforme destacado por (GIL, 2017), deveria ter permitido acessar uma rica fonte de dados estáveis e de grande relevância histórica. No entanto, a temática da educação no Warã se mostrou

surpreendentemente frágil na literatura existente.

O pouco que se encontrou, embora valioso, muitas vezes não condizia com a riqueza e a complexidade da Lebenswelt – o mundo vivido – pelos Akwẽ-Xerente, tal como revelado nas narrativas dos anciãos e nas observações do pesquisador.

Essa lacuna na literatura reforçou a importância de valorizar as fontes orais e as experiências diretas como caminhos essenciais para compreender a essência da educação Akwẽ-Xerente.

A Escolha dos Guardiões da Memória: seleção dos participantes

A seleção dos participantes, carinhosamente chamados de “sementes”, para as entrevistas seguiu a técnica snowball. Iniciou-se com um Ancião da própria aldeia do pesquisador, um guardião da sabedoria com quem já havia laços de confiança.

Como esperado, esse primeiro ancião indicou um segundo, que por sua vez apontou um terceiro, e este um quarto. A estratégia se mostrou promissora para acessar um espectro representativo de vozes e experiências sobre a educação tradicional Akwẽ-Xerente.

No entanto, a pesquisa enfrentou um obstáculo inesperado: o quarto ancião, embora devidamente indicado e com sua participação confirmada, faleceu antes que fosse possível realizar a entrevista.

Diante dessa perda e considerando o prazo para a conclusão da pesquisa, optou-se por encerrar a busca por novos participantes. A decisão também foi influenciada pelo período de chuvas intensas, que frequentemente tornavam o deslocamento um desafio, com estradas em meio ao mato se tornando intransitáveis e pontes submersas pelas enchentes dos rios.

Apesar das limitações, a pesquisa prosseguiu com os três anciãos que puderam compartilhar suas memórias e percepções valiosas.

Desvendando os Significados: uma tapeçaria de vozes e memórias

Os dados coletados por meio das entrevistas e da pesquisa documental foram tecidos juntos, como fios de uma tapeçaria, seguindo os princípios da fenomenologia.

Em vez de separá-los em capítulos distintos, optou-se por uni-los em um único relato, buscando uma forma mais criativa e fluida de apresentar as descobertas. A análise se concentrou em identificar temas, padrões e essências nas narrativas dos anciãos sobre suas experiências educacionais, honrando a integridade e a autenticidade de suas vozes. Buscou-se, acima de tudo, compreender as experiências vividas pelos Akwẽ-Xerente e interpretar os significados que atribuem às suas histórias e à educação tradicional.

Nesse processo, o pesquisador se inspirou nas próprias formas de comunicação Akwẽ, valorizando a oralidade, a contação de histórias e os símbolos que permeiam sua cultura, buscando transmitir a riqueza e a profundidade de suas experiências de maneira autêntica e respeitosa.

O Universo da Amostra: a busca por representatividade

Para esta pesquisa, foi entrevistado primeiramente um Ancião da aldeia do pesquisador e, seguiu na constituição da rede como já explicado no tópico anterior, de modo que fosse entrevistado o maior número possível de anciãos.

Como critérios de inclusão considerou-se 1) Anciãos indicados por um Ancião e reconhecidos pela população Indígena; 2) Anciãos que foram educadores no Warã ou tiveram sua formação neste espaço ou que, seus pais (uma geração ascendente) tiveram e lhes deixaram memórias desta educação e cultura.

Apesar de previsto no projeto de pesquisa os critérios de exclusão, o pesquisador não excluiu nenhuma possibilidade de participação, já que

nenhum indicado estava mentalmente comprometido e todos estavam em perfeita condição de comunicação.

O Cenário da Pesquisa: local de encontro com a sabedoria Akwẽ- Xerente

O presente projeto de pesquisa foi conduzido nas regiões de Funil, Pin Xerente, Brupre, Brejo Comprido e Rio Sono e Suprawahã, das regiões denominadas Terra Indígena Xerente e Terra Indígena Funil. Estas Terras Indígenas estão localizadas no município de Tocantínia -TO.

1.6 A ÉTICA COMO BÚSSOLA: cuidados essenciais em terra indígena

Ao planejar uma pesquisa que envolveu a escuta dos anciãos responsáveis pelos espaços educacionais denominados Warã ou que foram formados nestes espaços, diversos cuidados éticos foram essenciais para assegurar o respeito, a dignidade e a integridade dos participantes, bem como a preservação de sua cultura.

Estes cuidados incluíram a elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi fundamental para obter o consentimento livre e esclarecido dos anciãos participantes, explicando de forma clara os objetivos da pesquisa, os métodos que seriam utilizados, os possíveis benefícios e riscos, e como os dados seriam coletados, armazenados e divulgados.

Este consentimento foi obtido de maneira culturalmente apropriada, utilizando linguagem acessível e respeitando os protocolos comunitários e acadêmicos.

Respeito à autonomia cultural: A pesquisa respeitou a autonomia cultural dos povos indígenas, reconhecendo e valorizando seus saberes, práticas e decisões. Isso implicou na adaptação dos métodos de pesquisa para serem culturalmente sensíveis e relevantes para a comunidade.

Confidencialidade e anonimato: a garantia de confidencialidade e anonimato dos participantes foi um princípio fundamental da pesquisa, especialmente em um contexto onde a divulgação de informações poderia levar à estigmatização ou outros danos. Para assegurar a proteção da identidade dos anciãos e evitar qualquer risco de exposição, todos os nomes citados ao longo deste trabalho são fictícios, representando arquétipos e não indivíduos reais. Além disso, foi tomado o máximo cuidado para evitar a divulgação de informações que pudessem identificar locais sagrados ou detalhes sensíveis da cultura Akwẽ-Xerente. O compromisso com a confidencialidade e o anonimato foi uma forma de honrar a confiança depositada pelos anciãos e garantir que suas vozes pudessem ser ouvidas com segurança e respeito.

Proteção do Patrimônio Cultural: objetivando proteger o patrimônio cultural imaterial associado aos Warã, evitando a apropriação indevida ou a divulgação de conhecimentos tradicionais sem a permissão explícita da comunidade.

Revisão e aprovação por Comitê de Ética: antes de iniciar a pesquisa e depois de qualificado, o projeto foi submetido a um Comitê de Ética da Universidade Federal do Tocantins. Isso assegura uma revisão adicional dos aspectos éticos do estudo. Além disso, é importante atentar-se para as normas relacionadas à pesquisa em área indígena e com pessoas indígenas. Ressalta-se que a Universidade Federal do Tocantins já possuía autorização para realizar pesquisas nas áreas definidas como lócus da pesquisa, onde, inclusive, estava sendo implantada a primeira Universidade da Maturidade Indígena do Brasil (UMA Indígena).

Respeito aos protocolos locais: foi importante respeitar os protocolos locais de comunicação, decisão e cerimônia. Isso poderia incluir, por exemplo, a realização de rituais de abertura ou o envolvimento de lideranças comunitárias no processo de pesquisa.

Devido à “natureza” sagrada do conhecimento transmitido e ao profundo respeito que se deve aos anciãos, o pesquisador não teve espaço para inserir novas perguntas ou interromper seus relatos, como normalmente

acontece em pesquisas com entrevistas semiestruturadas.

A prioridade foi sempre garantir que os anciãos pudessem compartilhar suas experiências e perspectivas em sua totalidade, sem qualquer tipo de interferência que pudesse comprometer a autenticidade de suas vozes ou desrespeitar os protocolos culturais Akwẽ-Xerente.

A mão amiga da mentoria e a inteligência artificial: ética e inovação na pesquisa em terra indígena

A presente tese, que busca desvelar as tradições e saberes do povo Akwẽ-Xerente, só se concretizou graças a uma valiosa rede de apoio que uniu saberes ancestrais e ferramentas inovadoras.

Em primeiro lugar, é imprescindível reconhecer a mentoria da pós-doutoranda Dra. Rachel Bernardes de Lima, cuja experiência e orientação foram bússolas seguras em cada etapa da pesquisa.

Sua dedicação e expertise permitiram ao pesquisador navegar pelos desafios metodológicos e teóricos, garantindo a rigorosidade acadêmica e o respeito à cultura Akwẽ-Xerente.

Em segundo lugar, a utilização da Inteligência Artificial (I.A.) se revelou um instrumento fundamental para a tradução e expressão, em língua portuguesa, da essência e da riqueza do Warã, tal como reveladas nas falas dos anciãos entrevistados.

A I.A., utilizada de forma ética e transparente, permitiu ao pesquisador transpor as barreiras linguísticas e culturais, preservando a autenticidade e a profundidade das narrativas ancestrais.

É importante ressaltar que a I.A. não substitui o papel do pesquisador, mas sim o potencializou, permitindo-lhe dar voz aos anciãos e compartilhar seus saberes com um público mais amplo.

Aqui está a combinação da mentoria humana com a inteligência artificial representando um caminho promissor para a pesquisa em terras indígenas, desde que pautada pela ética, pelo respeito e pela valorização dos saberes tradicionais.

SEMENTES DE ESPERANÇA: benefícios que florescem na terra Akwẽ- Xerente

Para a escola indígena: a realização desta pesquisa tem o potencial de beneficiar diretamente as escolas indígenas, ao fornecer *insights* valiosos sobre práticas educacionais tradicionais, que podem ser reintegradas ao sistema escolar, enriquecendo a experiência educacional dos estudantes indígenas.

Para acadêmico indígena: acadêmicos indígenas, que frequentemente buscam formas de conciliar conhecimentos tradicionais com a educação formal, podem se beneficiar significativamente dos resultados desta pesquisa.

O estudo oferece a oportunidade de valorizar e documentar conhecimentos tradicionais, contribuindo para a sua preservação e transmissão. Além disso seu resultado está sendo apresentado de forma inédita, o que pode ser um incentivo a outros pesquisadores indígenas.

Para pesquisadores não indígenas: Este estudo representou uma oportunidade única de aprendizado e colaboração intercultural. A partir dos resultados desta pesquisa, outros pesquisadores poderão ampliar sua compreensão sobre a diversidade cultural e educacional, e contribuir para a valorização e preservação da cultura educacional indígena do Warã.

2. BUSCAS EM UMA DÉCADA DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE A EDUCAÇÃO XERENTE NO WARÃ SOB A GUARDA DOS ANCIÃOS: Revendo a literatura

A educação dos Xerente no Warã, embora seja um tema de potencial interesse acadêmico e cultural, tem recebido uma atenção limitada nas publicações científicas e acadêmicas da última década.

Este cenário não decorre de uma falta de interesse nas práticas educativas dos povos indígenas ou na cultura Xerente especificamente, mas sim da tendência das pesquisas existentes em abordar o Warã de maneira secundária ou superficial.

Muitas vezes, os estudos que mencionam o Warã têm focos primários distintos, como aspectos sociológicos, antropológicos ou linguísticos dos Xerente, deixando a educação como um tema periférico, o que contribui para a escassez de análises profundas sobre as práticas educacionais específicas dessa comunidade.

A consequência dessa abordagem é uma compreensão fragmentada e incompleta da educação no Warã, que não captura plenamente suas nuances, desafios e potenciais.

Apesar disso, os trabalhos acadêmicos dos últimos dez anos oferecem janelas valiosas para esse universo, explorando, ainda que não exclusivamente, aspectos relacionados à educação dos Xerente.

Esses trabalhos acadêmicos, embora escassos, são fundamentais para construir um entendimento mais rico e detalhado das práticas educacionais no Warã, revelando a complexidade e a diversidade de experiências educativas dentro da comunidade Xerente.

A necessidade de uma investigação mais aprofundada sobre a educação dos Xerente no Warã é evidente e necessária. Uma análise detalhada nas produções que abordam, mesmo que tangencialmente, a educação nesta comunidade pode fornecer *insights* importantes sobre como as práticas educacionais se entrelaçam com questões de identidade cultural, resistência e adaptação às políticas educacionais externas.

Este tipo de análise auxiliará a desvendar as camadas de significado que compõem a educação indígena em contextos específicos como o dos Xerente.

Portanto, esta revisão de literatura visa não apenas mapear as contribuições acadêmicas existentes sobre a educação dos Xerente no *Warã*, mas também destacar as lacunas e as oportunidades para desvelar as tradições educativas dos anciãos Xerente e propor estratégias pedagógicas interculturais que facilitem a reintegração desses anciãos no ambiente escolar das aldeias Xerente.

Ao focar nas produções da última década, pretende-se oferecer uma visão abrangente do estado atual do conhecimento sobre o tema, sublinhando a importância de abordagens que reconheçam a educação como um elemento central na vida e na cultura dos Xerente.

Assim, ao trazer à luz o conhecimento acadêmico acumulado e ao identificar as áreas que necessitam de maior investigação, esta revisão busca contribuir para um diálogo acadêmico mais rico e informado sobre a educação indígena.

Espera-se que, por meio deste esforço, possa-se incentivar uma maior atenção à educação dos Xerente no *Warã*, reconhecendo-a como um campo de estudo valioso e necessário para a compreensão da diversidade educacional e cultural no Brasil.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para a realização da revisão de literatura sobre a educação dos Xerente no *Warã*, adotou-se uma abordagem metodológica rigorosa, fundamentada na revisão bibliográfica e na revisão integrativa.

Este percurso metodológico foi escolhido por sua capacidade de abarcar uma análise profunda e abrangente das publicações existentes, permitindo uma compreensão holística do tema em estudo.

A seguir, detalha-se o processo metodológico adotado, inspirado nas orientações de Souza, Silva e Carvalho (2010), bem como Bernardo, Nobre, e

Jatene (2004), e complementado pelas perspectivas de Coventry, Maslin-Prothero, e Smith (2015).

PROCEDIMENTOS E MATERIAIS

O percurso metodológico, embasado nas referências de Souza, Silva e Carvalho (2010), Bernardo, Nobre, e Jatene (2004), e Coventry, Maslin-Prothero, e Smith (2015), proporcionou uma base sólida para a realização desta revisão de literatura, garantindo uma análise abrangente e detalhada das publicações sobre a educação dos Xerente no Warã.

Inicialmente, procedeu-se com uma revisão bibliográfica extensiva, visando identificar e analisar as publicações que abordam, direta ou indiretamente, a educação dos Xerente no Warã.

Esta etapa envolveu uma busca sistemática em bases de dados acadêmicas, bibliotecas digitais e repositórios de artigos, dissertações e teses. Os termos de busca incluíram combinações das palavras-chave “anciãos”, “educação Xerente”, “educação tradicional”, “Warã” e “Tocantins”.

Para a seleção inicial de materiais publicados definiu-se como período os últimos dez anos, seguindo os critérios de relevância dos títulos e resumos para o objeto de estudo, e por fim aquelas que apresentam análises significativas sobre a educação Xerente no contexto do Warã.

Após a seleção inicial, adotou-se a revisão integrativa como estratégia para uma análise mais aprofundada dos estudos identificados. Esta abordagem permitiu a inclusão de diferentes tipos de estudos, tanto experimentais quanto não experimentais, possibilitando uma visão ampla e detalhada do fenômeno estudado.

A revisão integrativa foi conduzida em etapas, começando pela leitura completa dos trabalhos selecionados, seguida pela extração de dados relevantes, como objetivos, metodologias, principais achados e conclusões.

Esta etapa foi crucial para a síntese das informações e para a identificação de padrões, lacunas e tendências nas publicações sobre a

educação dos Xerente no Warã.

A avaliação e seleção dos trabalhos seguiram critérios de qualidade e relevância. Foram considerados para análise aprofundada aqueles estudos que ofereciam insights substanciais sobre as práticas educacionais dos Xerente, incluindo aspectos culturais, sociais e políticos que influenciam a educação no Warã.

A qualidade metodológica dos estudos também foi um critério de seleção, priorizando-se trabalhos que demonstraram rigor na coleta e análise de dados.

A última etapa do percurso metodológico envolveu a síntese dos dados coletados, organizando as informações de modo a construir uma narrativa coesa e informativa sobre a educação dos Xerente no Warã.

Esta síntese buscou destacar as principais contribuições dos estudos analisados, bem como identificar as lacunas existentes na literatura, apontando direções para futuras pesquisas.

BASES DE DADOS ELETRÔNICAS CONSULTADAS

As buscas foram realizadas exclusivamente em bancos de teses e dissertações, e bibliotecas virtuais, considerando a especificidade do nosso objeto de estudo e a necessidade de acessar pesquisas acadêmicas detalhadas sobre a educação dos Xerente no Warã.

Os termos utilizados para a busca foram definidos em português, dada a localização geográfica e cultural do tema. A seleção das bases de dados foi orientada pela relevância e abrangência no contexto acadêmico brasileiro, optando-se por aquelas que apresentam uma coleção significativa de trabalhos acadêmicos em educação e estudos indígenas. As bases incluíram:

- ✓ Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD): uma plataforma que agrega teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em todo o Brasil.
- ✓ CAPES Teses e Dissertações: oferece acesso a um vasto acervo de

documentos acadêmicos produzidos em Instituições de Ensino Superior no Brasil.

✓ Portal de Periódicos da CAPES: embora focado em periódicos, este portal também oferece acesso a teses e dissertações por meio de sua busca integrada.

✓ *Google Scholar*: ferramenta de busca especializada em literatura acadêmica, indexa conteúdo de editoras acadêmicas, universidades, repositórios *online* e outros *sites* acadêmicos.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os critérios de inclusão e exclusão foram definidos para assegurar a relevância e a qualidade das fontes analisadas. Incluiu-se trabalhos que:

- Foram defendidos nos últimos dez anos, para garantir a atualidade da revisão.
- Abordam especificamente a educação dos Xerente no Warã ou apresentam capítulos que discutem o tema de forma significativa.
- Estão disponíveis integralmente para consulta.

Excluímos trabalhos que:

- Não focam na educação indígena ou no povo Xerente de forma direta.
- Não estão disponíveis em texto completo para análise.

PROTOCOLO DE EXTRAÇÃO DE DADOS

Desenvolveu-se um protocolo de extração de dados baseado nas diretrizes de Dos Santos *et al.* (2020), adaptado para o contexto das dissertações e teses.

Este protocolo incluiu a coleta de informações como o título do trabalho, o ano de defesa ou publicação, a instituição, os objetivos, a metodologia empregada, os principais resultados e as conclusões. Parte destas informações foram sistematizadas em uma planilha, que será apresentada no

item “resultados”, para facilitar a análise e a síntese dos dados coletados.

ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta e organização dos dados, procedeu-se com a análise qualitativa do conteúdo dos materiais selecionados. Esta análise visou identificar padrões, temas recorrentes, lacunas na literatura e possíveis direções para pesquisas futuras sobre a educação dos Xerente no Warã.

Para a coleta de dados dos artigos escolhidos na revisão integrativa de literatura, é imprescindível o uso de uma ferramenta desenvolvida antecipadamente, que possibilite a extração completa dos dados pertinentes, reduza a possibilidade de falhas na transcrição, assegure a exatidão na verificação das informações e funcione como um registro documental (URSI, 2005). Para este estudo específico, adotou-se o seguinte protocolo de extração de dados:

Quadro 1 - Formulário de extração de dados

Título do trabalho
Ano
Palavras-Chave
Autores
Resumo

Fonte: Adaptado de Santos *et al.* (2020).

Este percurso metodológico, embora cuidadosamente desenhado e implementado com o objetivo de realizar uma abordagem sistemática e abrangente, enfrentou desafios significativos devido à escassez de informações disponíveis no período pesquisado.

RESULTADOS

Na busca de publicações, restritas ao período de 2014 a 2024, recuperou 28 produções científicas. Na segunda filtragem, utilizando os descritores “anciãos”, “educação Xerente”, “Warã” ou “Tocantins” e verificando o conteúdo, restaram apenas dez produções.

Selecionando apenas aqueles que traziam explicitamente estudos realizados sobre educação tradicional no ambiente do Warã, encontrou-se apenas um trabalho. Sobre os Anciãos no espaço de aprendizagem também se encontrou apenas um trabalho. Não se encontrou nenhum trabalho que

trouxesse em seu resumo pelo menos três dos descritores pesquisados.

Esta realidade aponta para necessidade urgente de mais pesquisas acadêmicas focadas neste tema específico. Portanto, ao invés de contribuir para um entendimento mais profundo e atualizado, este esforço metodológico destacou a lacuna existente na literatura sobre o assunto, sublinhando a importância de incentivar futuros estudos que possam enriquecer nosso conhecimento sobre as práticas educacionais dos Xerente no *Warã*.

Após a seleção dos estudos, ocorreu a leitura na íntegra do material selecionados, onde ocorreu a análise do conteúdo temático-categorial, obedecendo aos critérios indicados por Dos Santos (2020), qual seja: (1) classificação e diferenciação do conteúdo dos relatórios das pesquisas, (2) adequação ou pertinência do conteúdo ao objetivo do estudo e (3) análise crítica dos temas abordados. Os resultados são apresentados nos quadro a seguir:

Quadro 1 - Resumos dos conteúdos dos estudos selecionados.

	Título do Trabalho	Ano	Palavras Chaves	Autor(es)	Resumo
1	PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS XERENTE EM COMUNIDADES DE PRÁTICA	2016	Práticas Socioculturais Xerente. Relações de pertencimentos. Pinturas Corporais. Ensino e Aprendizagens das Matemáticas.	Elisângela Aparecida Pereira de Melo e Tadeu Oliver Gonçalves	Este artigo apresenta às interconexões entre as práticas socioculturais do povo Xerente, em especial, as relações de pertencimentos dos indígenas às metades clânicas patrilineares – <i>Doi</i> e <i>Wahirê</i> e as matemáticas evidenciadas nas simbologias das pinturas corporais dessas metades clânicas e subclânicas. Na perspectiva do diálogo intercultural, objetivamos investigar as matemáticas que emergem nas simbologias das pinturas corporais <i>Doi</i> e <i>Wahirê</i> , de modo a questionar em que termos dos saberes e dos fazeres destas práticas podem balizar aprendizagens para o ensino das matemáticas, nas escolas indígenas? As articulações teóricas e metodológicas deram-se, a partir da teoria de comunidades de prática Proposta por Wenger (2001); a investigação foi desenvolvida mediante a abordagem da pesquisa qualitativa etnográfica. As recolhas de informações Foram obtidas nos contextos comunitários da aldeia Porteira e Salto, com os indígenas. As análises apontam Que as simbologias das pinturas corporais a partir da negociação coletiva com a comunidade podem contribuir com a criação e recriação de novas Aprendizagens matemáticas professores e estudantes indígenas e não indígenas.
	Caça às krenti: criando corpo e		Infância Indígena;	Beleni Saléte Grando e Khellen	Nas sociedades indígenas os processos

2	infância entre os Akwê-Xerente	2016	Educação Infantil; Akwê-Xerente.	Cristina Pires C. Soares	de educação da criança implicam reconhecimento de que não há como padronizarmos uma única compreensão de criança ou infância para todos os Povos e comunidades. Articulando experiências distintas que se entrecruzam no texto, problematizamos a infância indígena e as perspectivas de escolarização que as atingem cada vez mais cedo. O diálogo é interdisciplinar e intercultural, tendo por referência Mato Grosso com a formação de professores indígenas e a formação de educadores em comunidades tradicionais, e a pesquisa atual com os Akwê-Xerente de Tocantins. A análise do campo se pauta nos processos de educação do corpo a partir da caça as Krenti (tanajuras), desvelando como a coletividade indígena assegura dinâmicas próprias para que as crianças, desde pequenas, possam se constituir com autonomia pautando-se em cosmovisões de futuro e educação específicas para responder as demandas de cada comunidade indígena.
---	--------------------------------	------	----------------------------------	--------------------------	---

3	Empréstimos linguísticos E code-switching em akwẽ xerente/português: contribuições para a sociolinguística, para a educação indígena e para o povo akwẽ	2017	Sociolinguística, Língua Akwẽ Xerente, Língua Portuguesa, Code-switching, Educação o Indígena	Rodrigo Mesquita	Este artigo analisa a ocorrência de empréstimos linguísticos e code-switching na comunidade de fala Akwẽ-Xerente (Jê), considerando seus aspectos linguísticos e extralinguísticos. Os fenômenos de contato são analisados à luz da Etnografia da Fala (HYMES, 1972), do modelo 4-M (MYERS-SCOTTON; JAKE, 2000), do Markedness Model e do MLF, elaborados por Myers-Scotton (1993a; 1993b; 2002). As análises apontam o comportamento dos fenômenos sensíveis às variáveis sociolinguísticas e eventos de fala identificados. Também são orientadas no sentido de sua contribuição para as ciências da linguagem, para a reflexão crítica do povo Xerente sobre sua própria realidade e para a educação indígena.
---	---	------	---	------------------	---

4	A CHEGADA DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO DO POVO XERENTE	2017	Xerente; Tecnologias ; Mudanças	Wakedi da Mata Brito	Este artigo é sobre a chegada da tecnologia no meio do nosso cotidiano, que mudou totalmente o hábito da convivência na educação Akwê.
5	Aprender e ensinar: a “pedagogia” akwê-xerente e a construção da pessoa	2017	Educação; Corpo; Pessoa	Genilson Nolasco e Odair Giraldin	Este artigo aborda o processo próprio de ensino-aprendizagem no contexto da educação escolar indígena no Brasil, refletindo sobre essa ideia a partir da experiência etnográfica do povo Akwê-Xerente. Considera que para esse povo é mais adequado falar em processo de aprendizagem ensino, pois que o foco do processo está centrado mais na ação protagonista do aprendiz interessado que na ação do mestre que ensina. Considera-se ainda que a aprendizagem akwê passa pela construção do corpo e das suas afecções que o possibilitam adquirir condições adequadas para acessar os conhecimentos.

6	O CONTEXTO SOCIAL E AÇÕES PEDAGÓGICAS NAS ESCOLAS INDÍGENAS AKWĒ	2017	Escola indígena; Professor indígena; Ações pedagógicas; Cultura AkwĒ.	Rogério Srône Xerente e Sílvia Letícia Gomes da Silva	Esse artigo apresenta os resultados de um trabalho de pesquisa realizado no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente – Warã (CEMIX-WARÃ) e na Escola Estadual Indígena SakruiwĒ. A primeira está localizada na Terra Indígena Xerente e a segunda na Terra Indígena Funil. No desenvolvimento da pesquisa analisamos as características dessas duas escolas e o contexto em que elas se encontram, bem como as atividades desenvolvidas pelos professores indígenas AkwĒ que lecionam nessas unidades de ensino, com o objetivo de perceber os efeitos da atuação dessas escolas e das ações pedagógicas de professores AkwĒ na formação de alunos indígenas. E, para tanto, seguimos alguns passos metodológicos que incluíram estudo bibliográfico pertinente ao objeto de pesquisa e à educação escolar indígena, contato com sujeitos do processo de educação escolar e não escolar na comunidade e com ações pedagógicas nas unidades de ensino acima citadas. Esse processo nos fez compreender que a educação escolar indígena necessita encontrar seu caminho por meio de ações pedagógicas em sintonia com o contexto social indígena, para de fato ser a escola indígena que a comunidade deseja.
---	---	------	---	---	--

7	A Comunidade de Prática Xerente e suas matemáticas	2018	Pinturas corporais Xerente; Comunidades de prática; Sistema de matemáticas; Xerente.	Elisângela Aparecida Pereira de Melo e Tadeu Oliver Gonçalves	Neste artigo apresentamos as práticas das pinturas corporais das metades clânicas exogâmicas patrilineares – <i>Doi</i> e <i>Wahirê</i> , do povo indígena Xerente, cujo objetivo foi investigar as matemáticas potencializadas nas simbologias encontradas nas pinturas corporais <i>Doi</i> e <i>Wahirê</i> ; questionando em que termos as simbologias encontradas nas pinturas corporais de pertencimento dos indígenas nas metades exogâmicas patrilineares <i>Doi</i> e <i>Wahirê</i> constituem um sistema de matemáticas Xerente. As articulações teóricas deram-se a partir da teoria de comunidades de prática proposta por Wenger (2001). A investigação foi desenvolvida mediante a abordagem da pesquisa qualitativa etnográfica. A recolha das informações ocorreu nos contextos comunitários das aldeias Porteira e Salto, por meio do observar para participar e do participar para observar os indígenas em comunidades de prática. As análises sobre essas simbologias sinalizam possibilidades de estudos investigativos das geometrias, a partir dos desenhos clânicos de cada metade exogâmica deste povo.
---	---	------	--	---	---

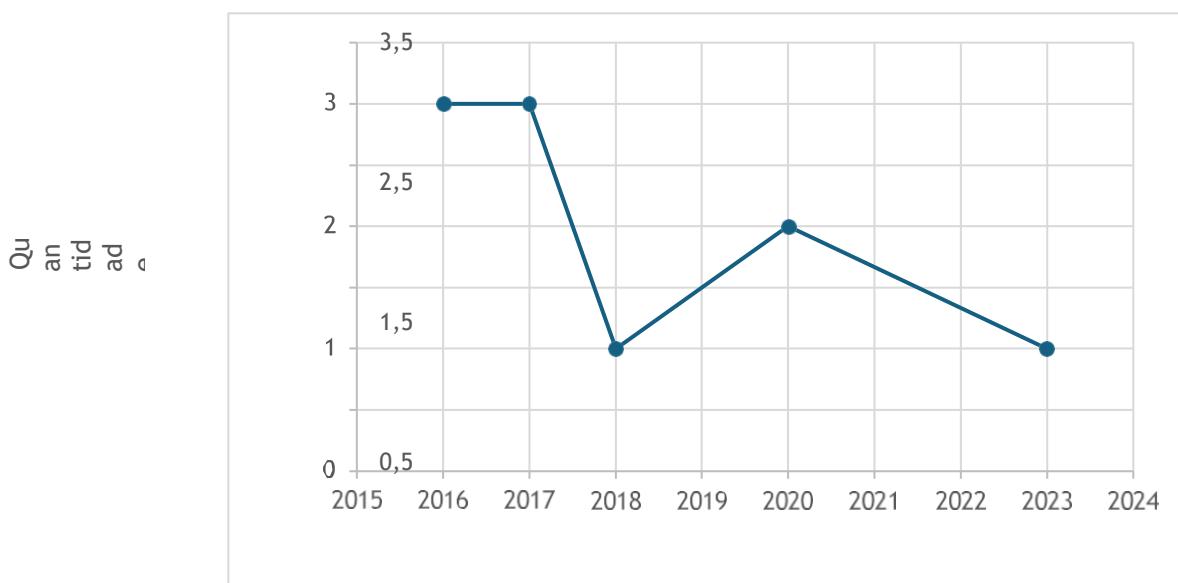
8	CORPOS QUE FALAM EM SILÊNCIO: ESCOLA, CORPO E CULTURA INDÍGENA AKWĒ - XERENTE ALDEIA RIO SONO	2020	Corpo. Escola Cultura. Indígena; Aldeia Rio Sono.	Leila Curcino Alves e José Damião Trindade Rocha	Este trabalho é um recorte da tese de doutorado intitulada: Rowahtuze Sinã: um estudo sobre a “pedagogia” Akwê e a sua relação com a escola indígena. Discute – se aqui o corpo que vivencia no mundo o sentido do silêncio e da fala como comunicação, procurando levar o leitor a compreender melhor a essência de viver em harmonia com o próprio corpo para propiciar a si mais equilíbrio e saber lidar melhor com o outro. Na construção do trabalho traz as questões que permeiam por meio do modo de vida na escola e na cultura indígena Akwê-Xerente da Aldeia Rio Sono. Em uma perspectiva etnográfica permitiu que a metodologia fosse construída a partir da pesquisa bibliográfica. Assim o objetivo é apresentar sobre as práticas culturais de lazer do povo Akwê-Xerente, mais especificamente o Dasipê. No qual fazem parte da vida cotidiana e participam da força geradora que define essa cultura. A tessitura deste habitar é composta por fios da tradição histórica, revelando o processo da experiência cultural e de escolarização que perpassa a corporeidade desses indígenas.
---	--	------	---	--	--

9	ATIVIDADES DE LEITURA NOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO ESCOLAR DO POVO AKWÉN-XERENTE (JÊ)	2020	Akwén-Xerente. Leitura; Subjetividade.	Sinval Martins de Sousa Filho	Analiso atividades de leitura no âmbito da educação escolar Akwén-Xerente e estabeleço como essas atividades são usadas nos modos de subjetivação dos professores e alunos Xerente. Para tanto, discuto como se dão os processos linguístico-discursivos de subjetivação dos sujeitos escolares e como tais imperativos são expressos nas práticas realizadas em sala de aula, em documentos, parâmetros, políticas educacionais e outros que dizem respeito à educação escolar indígena, particularmente os documentos que dizem respeito aos Xerente (Braggio e Sousa Filho, 2006 e Sousa Filho, 2011). A fundamentação teórica parte das concepções de sujeito elaboradas por Foucault (1995) e Bakhtin (2000). Trata-se de um estudo de natureza qualitativo- descritiva cuja proposta metodológica converge à análise dos documentos oficiais que regulamentam as propostas de educação escolar indígena no país e às observações etnográficas das práticas pedagógicas dos Xerente. Os resultados apontam para a construção de elementos de subjetivação elaborados nas práticas discursivas de leitura, as quais fornecem bases para a apreensão de novos regimes de verdade sobre o sujeito e seus modos de agir socialmente.
---	---	------	--	-------------------------------	--

10	Raízes Compartilhadas: Educação Intergeracional nas Tradições Lúdicas do Povo Akwê- Xerente da Amazônia	2023	Educação Intergeracional; Educação na Amazônia; Educação Indígena; Práticas Educativas.	Leonardo Sampaio Baleeiro Santana; Neila Barbosa Osório; Luiz Sinésio Silva Neto; Armando Sôpre Xerente; André Ribeiro Gouveia; Nubia Pereira Brito Oliveira; Valmir Fernandes de Lira; Katia Juliane Lopes de Oliveira; Victor Hugo de Araújo Gonçalves e Marlon Santos de Oliveira Brito	A Universidade da Maturidade, vinculada à Universidade Federal do Tocantins, mantém um polo na comunidade indígena de Tocantínia, situada no Estado do Tocantins, estado membro da Amazônia Legal. O trabalho objetiva fornecer descrições dessas raízes com foco nas percepções de anciãos indígenas do território quanto à Educação Intergeracional em comunidades indígenas, em abordagem e percepções dos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia. A metodologia qualitativa de viés fenomenológico envolve entrevistas semiestruturadas da História Oral e incorpora as sensações e descrições derivadas das narrativas que ecoam a memória do povo Akwê-Xerente. Os resultados descrevem experiências vividas, ao resgatar nuances da tradição oral, valores culturais e as ligações intrincadas com os anciãos indígenas. Conclui-se que a pesquisa fundamenta teorias subjacentes por meio de entrevistas diretas com os membros da comunidade indígena, ao acessar perspectivas inerentes à intergeracionalidade em ensinamentos tradicionais que se engajam com o legado cultural das comunidades amazônicas e iluminam a riqueza das tradições presentes na comunidade indígena de Tocantínia
----	--	------	--	---	---

Considerando que uma revisão integrativa de literatura enfoca a categorização de estudos, observa-se que nos anos de 2016 e 2017 foram publicados mais da metade dos trabalhos catalogados nesta busca e que em quatro anos não houve nenhuma publicação, sendo que três anos foram anos dizimados em razão da pandemia Covid 19.

Quadro 2 – Publicações sobre a temática – 2014-2024



Outra análise categorial realizada está para os autores de pesquisa dos estudos selecionados. Apenas os autores Melo e Gonçalves possuem duas publicações no período (2016 e 2018). Os demais contam com apenas uma publicação. Na busca de insumos qualitativos, buscou-se mais informações sobre estes autores nos resumos do *curriculum lattes* de cada, constatando-se que três deles pertencem ao Povo Xerente, demonstrando a presença de pesquisadores indígena na academia. Outra constatação foi que uma maioria dos autores são iniciantes no estudo da temática. Isto pode demonstrar que o assunto esteja em ascensão de interesse dos pesquisadores, o que só poderá ser confirmado com a continuidade de pesquisas sobre o tema. Foi surpresa para o autor constatar que Giraladin teve apenas uma publicação neste período (2017), haja vista ser um pesquisador de referência quando o assunto é povo indígena no Tocantins.

Já na categoria dos resumos, encontrou-se um grande interesse em

pesquisas sobre o povo xerente, sendo que todos os trabalhos fizeram constar pelo menos uma vez esta expressão no campo da categoria. A análise de conteúdo dos resumos revela uma diversidade de abordagens e temáticas relacionadas à educação dos Xerente no Warã.

As pesquisas destacam a importância das práticas socioculturais, da autonomia infantil, dos fenômenos linguísticos, do impacto da tecnologia, e da necessidade de ações pedagógicas contextualizadas. Além disso, enfatizam a centralidade do aprendiz no processo educacional e a relevância da tradição oral e da educação intergeracional⁹.

Trazem informações mais significativas para este trabalho, os Resumos 2, 4, 5 e 10 (do quadro já apresentado), sendo o Ancião referenciado em apenas um deles, embora sob a perspectiva do resgate da tradição oral e os valores culturais, iluminando a riqueza das tradições presentes na comunidade.

A análise evidenciou uma notável escassez de publicações acadêmicas que abordam diretamente a educação dos Xerente no *Warã*. A maioria dos estudos existentes trata o tema de maneira tangencial, focando em aspectos sociológicos, antropológicos ou linguísticos, o que resulta em uma compreensão fragmentada e incompleta das práticas educacionais específicas dessa comunidade.

A análise dos autores dos estudos selecionados revelou a presença de pesquisadores indígenas na academia, o que é um indicativo positivo de que a comunidade Xerente está se engajando ativamente na produção de conhecimento sobre sua própria educação. Essa participação é fundamental para garantir que as pesquisas sejam conduzidas com sensibilidade cultural e

⁹ O conceito de Intergeracionalidade pode ser compreendido dentro de uma abordagem educativa que promove o diálogo e a troca de saberes entre diferentes gerações, visando ao enriquecimento mútuo e ao fortalecimento da coletividade. Em suas pesquisas, Osório destaca que a educação intergeracional deve estabelecer relações de igual para igual, onde todos são tanto educadores quanto educandos. A autora enfatiza que, ao promover o diálogo entre gerações, é possível aumentar a autoestima, melhorar a memória e fortalecer o sentimento de pertencimento na comunidade. Além disso, a autora argumenta que a diversidade geracional deve ser vista como um fator positivo. Em síntese a intergeracionalidade valoriza e integra as experiências e saberes de diferentes gerações (OSÓRIO & COSTA, 2023).

respeito às tradições e valores dos Xerente.

Diante dessas constatações, conclui-se que há uma necessidade premente de expandir a pesquisa sobre a educação dos Xerente no *Warã*, especialmente no que diz respeito ao papel dos anciãos. Isso implica não apenas aumentar o volume de produções acadêmicas sobre o tema, mas também diversificar as vozes e as perspectivas representadas na literatura. Encorajar e apoiar a participação de pesquisadores indígenas e promover metodologias de pesquisa colaborativas pode ser um caminho promissor para alcançar um entendimento mais rico e multifacetado das práticas educacionais indígenas. A ampliação do escopo de pesquisa contribuirá não apenas para o campo acadêmico, mas também para o reconhecimento e a valorização das tradições educacionais dos povos indígenas, promovendo uma maior inclusão e respeito por sua cultura e sabedoria ancestral.

3. UMA: promovendo educação e inclusão para idosos e comunidades indígenas no Brasil

A Universidade da Maturidade (UMA), projeto de extensão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), foi criada em 2006 com o objetivo de promover a educação ao longo da vida para a população idosa de Palmas- TO. Este projeto proporciona um espaço de convivência social e aquisição de novos conhecimentos, além de conscientizar os idosos sobre a importância de sua participação na sociedade enquanto sujeitos históricos. A UMA também se dedica a estudos voltados para o envelhecimento saudável e digno (Osório, 2018).

Desde sua criação, a UMA tem se destacado como uma iniciativa pioneira no Brasil, oferecendo um modelo de educação continuada que valoriza a experiência e o conhecimento acumulado dos idosos. A instituição busca não apenas educar, mas também empoderar da pessoa idosa, promovendo sua autonomia e independência. Este enfoque é essencial para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa, onde os idosos são vistos como membros ativos e valiosos.

A UMA também se preocupa em adaptar suas metodologias e conteúdos às necessidades específicas dos idosos, garantindo que o processo de aprendizagem seja acessível e significativo. Isso inclui a utilização de abordagens pedagógicas que valorizam a experiência de vida dos participantes e promovem a troca de conhecimentos entre eles. Além disso, a instituição oferece suporte emocional e social, ajudando os idosos a enfrentar os desafios do envelhecimento com dignidade e confiança.

O impacto da UMA vai além da sala de aula, estendendo-se à comunidade em geral. Por meio de parcerias com outras instituições e organizações, a UMA promove eventos e atividades que envolvem a comunidade, aumentando a conscientização sobre a importância da educação ao longo da vida e do envelhecimento ativo. Essas iniciativas contribuem para a criação de uma cultura de respeito e valorização dos idosos, fortalecendo os laços sociais e promovendo a coesão comunitária.

IMPACTO NA AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA DOS IDOSOS

Pesquisas demonstram que a UMA tem um papel significativo na autonomia e independência das pessoas idosas, que são carinhosamente chamadas de "velhos" no ambiente da UMA. O compromisso da instituição com a valorização dos saberes dos idosos e uma abordagem centrada no respeito e aprendizado mútuo refletem um profundo comprometimento com a preservação do conhecimento e a promoção da cidadania e dos direitos das pessoas mais velhas (Lima, 2023; Bonatti *et al*, 2024).

A participação na UMA tem mostrado resultados positivos na saúde mental e física dos idosos. Estudos indicam que a educação continuada e a participação em atividades sociais e culturais podem reduzir os riscos de depressão e isolamento social, comuns entre a população idosa. Além disso, a aquisição de novos conhecimentos e habilidades contribui para a manutenção da cognição e da memória, fatores essenciais para a independência na terceira idade (Osório, 2018).

Os idosos que participam da UMA relatam um aumento significativo na autoestima e na confiança em suas capacidades (Lima, 2023). A oportunidade de aprender e compartilhar conhecimentos em um ambiente acolhedor e respeitoso faz com que se sintam valorizados e reconhecidos. Esse sentimento de pertencimento e valorização é crucial para o bem-estar emocional e psicológico dos idosos, promovendo uma visão positiva do envelhecimento.

A UMA também oferece suporte prático para os desafios do dia a dia enfrentados pelos idosos. Nas oficinas e cursos, os participantes desenvolvem habilidades práticas, como o uso de tecnologias digitais, que são essenciais para a vida contemporânea. Essas habilidades não apenas facilitam a comunicação e o acesso à informação, mas também aumentam a autonomia dos idosos, permitindo que participem ativamente da sociedade.

PROMOÇÃO DA INTERGERACIONALIDADE

A UMA tem como um de seus pilares a intergeracionalidade, facilitando a troca de saberes entre os idosos e as gerações mais jovens. Segundo Delors (2010), ações que envolvem o exercício de ouvir e contar histórias em pequenos grupos são fundamentais para que cada grupo receba uma narrativa adequada às suas vivências, percebendo suas próprias limitações e potencialidades. Esse processo é essencial para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa (Osório, 2018).

A interação entre diferentes gerações na UMA é promovida por meio de diversas atividades e projetos. Oficinas de contação de histórias, por exemplo, permitem que os idosos compartilhem suas experiências de vida com os jovens, criando um ambiente de aprendizado mútuo. Essas atividades não apenas enriquecem o conhecimento dos jovens, mas também valorizam a sabedoria dos idosos, fortalecendo os laços comunitários.

A intergeracionalidade também é promovida por meio de projetos colaborativos, onde jovens e idosos trabalham juntos em iniciativas comunitárias. Esses projetos podem incluir desde a criação de jardins sensoriais até a organização de eventos culturais.

A colaboração entre as gerações promove a compreensão mútua e o respeito, além de fortalecer a coesão social e a solidariedade. Como espaço de extensão, a UMA é o lócus de muitas Instituições de Ensino Superior parceiras, que desenvolvem projetos com seus acadêmicos de diversos cursos de graduação.

A UMA também realiza palestras e seminários que abordam temas relevantes para diferentes gerações, como saúde, tecnologia e cidadania. Esses eventos proporcionam um espaço para a troca de ideias e experiências, promovendo um diálogo aberto e construtivo entre jovens e idosos. Por meio dessas interações, os participantes aprendem a valorizar as diferenças e a reconhecer as contribuições únicas de cada geração.

A promoção da intergeracionalidade na UMA não se limita apenas ao ambiente educacional. A instituição também incentiva a participação dos idosos em atividades comunitárias e eventos sociais, onde podem interagir com pessoas de todas as idades. Essas interações são fundamentais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa, onde todos os membros são valorizados e respeitados.

ABORDAGEM HOLÍSTICA E ATIVIDADES CULTURAIS

A Universidade da Maturidade se destaca por sua abordagem holística, que inclui a promoção de atividades educacionais, culturais, artísticas, de saúde e recreativas. Essas atividades são fundamentais para o envelhecimento ativo e saudável, contribuindo para a manutenção da autonomia e independência da pessoa idosa (Barreto, 1992). A UMA representa um espaço de valorização da experiência acumulada e sabedoria, onde se promove a inclusão social e o empoderamento dessa população no estado do Tocantins.

As atividades de educação, arte e cultura, promovidas pela UMA incluem oficinas de artesanato, música, dança e teatro, que, além de estimular a criatividade, promovem a socialização e o bem-estar emocional e físico. Um exemplo é a dança que traz memórias afetivas, oportunidade de diálogo, trocas de experiências, emoções e sensações afloradas durante a atividade, demonstrando que esta manifestação da arte promove nas pessoas mais velhas, não somente habilidades psicomotoras, mas também as relações interpessoais e a independência na velhice.

Segundo Silva, Gândara e Osório (2022) a participação dos acadêmicos em atividades artísticas na UMA tem trazido benefícios significativos para a saúde mental, ajudando a reduzir o estresse e a ansiedade, além de promover a expressão pessoal e a autoestima.

A UMA também organiza eventos culturais, como exposições de arte, apresentações teatrais e de dança e participa de feiras locais. A crença de

que “o artista vai aonde o povo está” é levado a sério pelo grupo. Esses eventos não apenas destacam os talentos e habilidades dos idosos, mas também promovem a integração social e a valorização da cultura local. A participação ativa em eventos culturais fortalece o senso de pertencimento e identidade dos velhos, contribuindo para seu bem-estar geral.

Além das atividades culturais, a UMA promove atividades recreativas e esportivas, como incentivo a caminhadas e corridas, atividades de hidroginástica, além de terem uma academia exclusiva no Polo de Palmas. A prática regular de exercícios físicos ajuda a manter a mobilidade, a força e a flexibilidade, prevenindo doenças crônicas e melhorando a qualidade de vida. A promoção de um estilo de vida ativo é um componente crucial da abordagem holística da UMA (Silva, Gândara E Osório, 2022).

EXPANSÃO E PARCERIAS

Desde sua criação, a Universidade da Maturidade (UMA) tem se expandido de maneira significativa, consolidando-se como uma referência em educação continuada para a terceira idade. Em 2024, a UMA celebra seus 18 anos de existência, marcados por inúmeras conquistas e avanços substanciais.

Este marco histórico é motivo de celebração, refletindo o impacto positivo e transformador que a instituição tem proporcionado na vida de centenas de idosos e de algumas comunidades indígenas. A trajetória da UMA é caracterizada por um compromisso contínuo com a inclusão, a valorização do conhecimento e a promoção de um envelhecimento saudável e ativo.

Este projeto, o mais longo e contínuo da história da Universidade Federal do Tocantins (UFT), já ultrapassou os limites de seu *locus* original. Por meio de parcerias estratégicas com governos municipais e estaduais, bem como com instituições de ensino superior privadas, a UMA expandiu sua presença para diversos municípios do Tocantins, além de alcançar municípios nos estados do Mato Grosso do Sul e ser uma inspiração para Bahia e Maranhão. A sinergia entre diferentes setores é fundamental para a sustentabilidade e o crescimento contínuo do projeto.

A presença da UMA em múltiplos municípios permite que um número maior de pessoas idosas tenha acesso à educação ao longo da vida e às atividades promovidas pela instituição. A expansão de projetos como a UMA é ferramenta fundamental para combater o preconceito e preparar as novas gerações para o envelhecimento e suas consequências para o mundo. Essa expansão contribui significativamente para a redução das desigualdades regionais e promove a inclusão social, extrapolando as fronteiras do estado do Tocantins.

A celebração dos 18 anos da UMA, em 2024, é um marco significativo na história desta instituição extensionista. Este tempo, não apenas celebra o sucesso e as conquistas do projeto, mas também reafirma o compromisso da UMA com a educação ao longo da vida e a inclusão social das pessoas idosas. A continuidade e a expansão do projeto são testemunhos do impacto positivo da UMA na vida dos velhos e na comunidade em geral.

UMA Indígena: educação e inclusão para Povos Originários

A Universidade da Maturidade (UMA) estende suas atividades aos povos originários no Tocantins, com a criação da UMA Indígena, especificamente no polo Akwẽ-Xerente. Esta iniciativa pioneira na educação indígena no Brasil teve sua primeira turma graduada em 21 de dezembro de 2023, no município de Tocantínia, marcando um momento histórico na educação e inclusão (Bonatti et al., 2024). A cerimônia de colação de grau ocorreu no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente - Warã e contou com a participação de 28 acadêmicos indígenas.

A criação da UMA Indígena representa um marco significativo na promoção da educação e inclusão dos povos indígenas. Este projeto reconhece a importância de preservar e valorizar as culturas e tradições indígenas, oferecendo uma educação que respeita e integra os conhecimentos tradicionais. Sob esta égide, neste texto, adota-se sempre o termo Ancião, quando se refere à pessoa idosa da UMA Indígena.

Traduzir as ementas para a língua materna dos anciãos também exemplifica essa abordagem inclusiva e respeitosa, promovendo a continuidade

cultural e a sustentabilidade (Bonatti et al., 2024; Cotrim e Sõpre, 2017). A tradução das ementas para a língua materna dos anciãos é uma estratégia crucial para garantir que a educação oferecida pela UMA Indígena seja acessível e relevante para os participantes. Essa abordagem respeita e valoriza a língua e a cultura dos povos indígenas, facilitando o processo de aprendizagem e tornando-o mais significativo e eficaz.

Além disso, a UMA Indígena apoia atividades como a contação de histórias e a transmissão de conhecimentos tradicionais, permitindo que os anciãos compartilhem sua sabedoria com as gerações mais jovens. Esse processo é essencial para a preservação da identidade cultural e para o fortalecimento dos laços comunitários (Cotrim e Sõpre, 2017).

A contação de histórias, uma prática tradicional em muitas culturas indígenas, desempenha um papel importante na transmissão de conhecimentos e valores. Na UMA Indígena, essa prática é utilizada como uma ferramenta pedagógica para promover a educação intergeracional.

Os anciãos compartilham suas histórias e experiências com as crianças, transmitindo sabedoria e fortalecendo os laços comunitários. Essa atividade também promove a autoestima e o senso de identidade das crianças, ajudando-as a reconhecer e valorizar suas raízes culturais.

A sustentabilidade é um pilar central da UMA Indígena. Por meio de atividades que promovem a continuidade cultural e o uso sustentável dos recursos naturais, a instituição contribui para o fortalecimento das comunidades indígenas. A educação para a sustentabilidade inclui temas como a preservação ambiental, a agricultura sustentável e a gestão de recursos naturais, preparando os participantes para enfrentar os desafios do futuro de maneira responsável e consciente.

CONSIDERAÇÕES

A Universidade da Maturidade (UMA) tem se consolidado como uma iniciativa exemplar na promoção da educação ao longo da vida e inclusão social de pessoas idosas, tanto em polos urbanos, quanto para comunidades indígenas no Tocantins.

Celebrando seus 18 anos de existência em 2024, a UMA demonstra um compromisso contínuo com a valorização da experiência e do conhecimento acumulado das pessoas idosas, ao mesmo tempo em que promove a preservação das culturas e tradições indígenas.

A tradução das ementas para a língua materna dos anciãos e a promoção de atividades culturais e recreativas são exemplos de como a UMA integra os conhecimentos tradicionais em seu currículo, garantindo uma educação acessível e relevante para todos os participantes.

No entanto, é crucial avançar em pesquisas sobre a cultura educacional indígena para que iniciativas como a UMA Indígena possam ser verdadeiramente aliadas das tradições indígenas. Estudos aprofundados são necessários para compreender as especificidades culturais e educacionais dos povos indígenas, evitando que ações educativas se tornem mais uma forma de colonização cultural.

A valorização e integração dos conhecimentos tradicionais devem ser feitas de maneira respeitosa e colaborativa, assegurando que as vozes e perspectivas indígenas sejam centrais no desenvolvimento e implementação de programas educacionais. Por fim, a continuidade e expansão da UMA dependem de um compromisso contínuo com a inclusão e a valorização do conhecimento tradicional. A colaboração entre instituições de ensino, governos e comunidades é fundamental para o sucesso dessas iniciativas.

A promoção de uma educação que respeite e integre as culturas indígenas não apenas fortalece as comunidades, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A UMA, com seu enfoque inovador e inclusivo, serve como um modelo a ser seguido, demonstrando que é possível promover a educação ao longo da vida de maneira que respeite e valorize a diversidade cultural.

4. PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS JOVENS NO WARÃ: perspectivas históricas e contemporâneas

Este capítulo contextualiza a condição dos jovens Akwẽ- Xerente, enfocando três aspectos principais: a importância do Warã no contexto educacional tradicional, as transformações enfrentadas pela educação indígena diante dos avanços da modernidade e o papel dos anciãos na transmissão da cultura.

Ao explorar esses temas, busca-se compreender como a comunidade Akwẽ-Xerente enfrenta os desafios impostos pela modernidade, lutando pela preservação de sua identidade cultural e buscando estratégias para integrar de maneira harmoniosa as práticas educacionais tradicionais com as exigências da educação formal.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO AKWË-XERENTE

A educação tradicional do povo Akwẽ-Xerente, antes da influência externa e da introdução de sistemas educacionais formais, era profundamente enraizada em práticas culturais transmitidas oralmente de geração em geração. Central para esse processo educativo era o Warã, um espaço físico e simbólico localizado no coração da aldeia, destinado ao ensino e à aprendizagem. No Warã, os anciãos, detentores do conhecimento e da sabedoria ancestral, reuniam-se para compartilhar com as crianças e os jovens os saberes fundamentais para a vida comunitária e individual.

Essa forma de educação era integral e abrangente, cobrindo aspectos que iam desde habilidades práticas, como caça, pesca, agricultura, e confecção de artefatos, até elementos imateriais, como ética, moral, canto, dança e oratória. A aprendizagem não se limitava a um mero repasse de informações; era um processo vivencial, em que o conhecimento era construído e internalizado por meio da participação ativa nas práticas culturais e sociais da comunidade.

O Warã servia como um ambiente de formação holística, preparando os jovens não apenas para desempenhar funções específicas dentro da

comunidade, mas também para assumir seus papéis como membros plenos e ativos da sociedade Akwẽ-Xerente. Esse espaço de aprendizado era complementado pelo Warĩzdare, a área ao redor das casas, e pela Casa dos Homens, uma estrutura provisória na mata onde os homens se reuniam para ensinar os jovens sobre técnicas de sobrevivência e interação com o meio ambiente.

A educação no Warã, portanto, representava muito mais do que a transmissão de conhecimentos técnicos; era a base da continuidade cultural, da identidade Akwẽ-Xerente e da coesão social. Por meio desse sistema, os jovens eram não apenas instruídos em habilidades específicas, mas também imersos nos valores, histórias, e filosofias de seu povo, garantindo a perpetuação de um modo de vida profundamente conectado com suas tradições e com o ambiente natural.

Desta forma, os antecedentes históricos da educação Akwẽ-Xerente destacam um modelo educacional que valoriza a experiência vivida, a transmissão oral do conhecimento, e a integração harmoniosa de todos os aspectos da vida. Este sistema, centrado no Warã, enfatiza a importância dos anciãos como educadores e guardiões da cultura, e sublinha a necessidade de manter esses princípios fundamentais mesmo diante das mudanças trazidas pela modernidade e pela educação formal.

TRANSIÇÃO E TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS NA EDUCAÇÃO AKWÊ- XERENTE

A transição da educação tradicional Akwẽ-Xerente para modelos contemporâneos marca um período de significativas transformações, refletindo tanto as mudanças internas da comunidade quanto às influências externas. A substituição do Warã por estruturas físicas modernas, como salas de aula construídas com tijolos e cimento, simboliza uma mudança profunda na abordagem educacional. Essa evolução não se limita apenas ao aspecto físico, mas estende-se à metodologia de ensino e à composição do corpo docente, com os anciãos sendo progressivamente substituídos por professores mais jovens.

Essa mudança gerou preocupações entre os membros mais velhos da comunidade, que veem nela um potencial ameaça à transmissão de conhecimentos e valores culturais. Sumêkwa Xerente (2010), ao comparar a escola com o Warã, expressou inquietação quanto ao afastamento dos anciãos do processo educativo e à possível perda de elementos culturais essenciais.

Ele argumenta que, embora a escola ocupe agora um papel central na vida das crianças e jovens, é crucial que a comunidade, especialmente os mais velhos, tenham voz ativa nas escolas das aldeias. A preocupação com o afastamento dos mais velhos do processo educativo e a substituição do Warã por estruturas físicas modernas e professores mais jovens, justifica-se na importância de manter viva a voz dos anciãos nas escolas das aldeias (Giraldin, 2010).

Pesquisadores também enfatizam que a escola, ao assumir muitas das funções do Warã, deveria incorporar os valores e práticas culturais Akwê-Xerente em seu currículo. A preocupação com a preservação da cultura é amplificada pelos relatos de dificuldades em integrar plenamente o conhecimento cultural indígena ao currículo escolar.

Segundo Giraldin (2009), estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) chegam a apontar para a limitação dos livros didáticos em transmitir o conhecimento prático necessário para a confecção de artefatos tradicionais, como arcos e flechas. Essa lacuna entre teoria e prática evidencia a complexidade de adaptar o sistema educacional formal às necessidades e especificidades da cultura Akwê-Xerente.

Além disso, algumas lideranças e anciãos expressaram preocupação com a perda de interesse dos jovens nas práticas e rituais tradicionais. A preferência por adquirir artesanatos prontos de outros povos, em detrimento da confecção própria, e a valorização de elementos culturais não indígenas são vistos como indicativos de um distanciamento crescente da juventude em relação às suas raízes culturais. Esse fenômeno é atribuído, em parte, ao crescente envolvimento com as escolas, que não estariam considerando adequadamente os aspectos sociais e culturais Akwê-Xerente

em sua prática cotidiana.

Valéria Melo (2010), em sua dissertação de mestrado, reflete sobre essa questão, sugerindo que a ênfase na autonomia do aprendiz tem levado os anciãos a se retrair na transmissão dos saberes, diante da percebida falta de interesse de muitos jovens. Essa situação coloca em risco a continuidade da transmissão oral de conhecimentos que tem sido a base da cultura Akwẽ-Xerente por gerações.

As transformações contemporâneas na educação Akwẽ-Xerente, portanto, representam um desafio complexo. Por um lado, há a necessidade de adaptar-se às exigências do mundo moderno, incluindo a aquisição de novas formas de conhecimento e a integração com a sociedade mais ampla.

Por outro, é urgente preservar a riqueza cultural e os valores tradicionais que definem a identidade Akwẽ-Xerente. Encontrar um equilíbrio entre essas duas demandas é essencial para garantir que a educação continue a servir como um meio de fortalecimento cultural e comunitário, mesmo em um contexto de rápidas mudanças.

O PAPEL DOS ANCIÃOS E A PRESERVAÇÃO CULTURAL NO CONTEXTO AKWË-XERENTE

No seio das comunidades indígenas, os anciãos ocupam um lugar de destaque, sendo considerados os guardiões da memória e da sabedoria ancestral. No contexto do povo Akwẽ-Xerente, essa premissa não é diferente. Os anciãos desempenham um papel crucial na preservação cultural, atuando como pontes vivas entre o passado e o presente, e garantindo a transmissão dos conhecimentos, valores, práticas e língua que definem a identidade Akwẽ-Xerente.

A importância de seu papel na sociedade transcende o aspecto informativo, adentrando o território do espiritual, do ético e do comunitário.

Os anciãos são os principais responsáveis pela educação informal dentro da comunidade, ensinando as gerações mais jovens não apenas sobre técnicas de sobrevivência, como caça, pesca e agricultura, mas também sobre

a cosmologia, a ética, as leis e os rituais que compõem o tecido social Akwẽ-Xerente. Por meio de histórias, lendas, cantos e rituais, eles transmitem os conhecimentos que sustentam a vida comunitária e asseguram a continuidade das tradições.

A língua é um componente vital da cultura, carregando consigo conceitos, visões de mundo e uma riqueza imaterial que não pode ser traduzida sem perdas. Os anciãos, como fluentes falantes da língua indígena, desempenham um papel essencial na preservação da língua Akwẽ-Xerente, ensinando-a às novas gerações e utilizando-a em cerimônias e rituais, garantindo assim sua sobrevivência. Além disso, eles mantêm vivas as práticas culturais, como a pintura corporal, a confecção de artefatos e a realização de festivais, que são expressões tangíveis da identidade Akwẽ-Xerente.

Os anciãos também atuam como mediadores e conselheiros dentro da comunidade, oferecendo orientação em tempos de conflito ou decisões importantes. Sua sabedoria, derivada de décadas de experiência, é uma fonte de conselho e orientação para as lideranças e membros da comunidade, em assuntos que vão desde disputas familiares até questões de gestão territorial e relações com o mundo exterior.

A investigação sobre os métodos e estruturas educacionais tradicionais no contexto do povo Xerente, especificamente referindo-se ao conceito de "Warã" (termo que aqui pode ser interpretado como "caminho" ou "método" em um contexto educacional), revela uma lacuna significativa na literatura acadêmica existente. Este vácuo de conhecimento destaca a necessidade de uma abordagem mais aprofundada e sistemática para compreender as práticas educativas indígenas, que são fundamentais para a preservação da cultura, língua e identidade do povo Xerente. A educação tradicional Xerente, embutida no cotidiano e nas práticas culturais, contrasta com os modelos educacionais formalizados e institucionalizados prevalentes fora das comunidades indígenas.

Sabe-se que a educação no contexto Xerente, assim como em muitas culturas indígenas, não se confina a um espaço físico ou a uma estrutura curricular rígida. Em vez disso, é um processo contínuo de aprendizado que

ocorre em diversos contextos sociais e espirituais, incluindo cerimônias, rituais, atividades cotidianas e a transmissão oral de conhecimentos e habilidades.

Este sistema de ensino, profundamente enraizado na vida comunitária e nas relações intergeracionais, enfatiza a aprendizagem pela prática e a observação direta, permitindo que os jovens aprendam os conhecimentos e valores essenciais de sua comunidade.

A escassez de estudos detalhados sobre o "Warã" e os métodos educacionais tradicionais dos Xerente é uma oportunidade de pesquisas etnográficas e antropológicas que possam documentar e analisar essas práticas antes que sejam alteradas irreversivelmente pela crescente influência da educação formal e da globalização.

A compreensão desses sistemas educacionais requer uma abordagem que reconheça a validade e a riqueza do conhecimento indígena, considerando-o não como um objeto de estudo distante, mas como um sistema vivo e dinâmico de transmissão de sabedoria.

Avançar neste desafio implica não apenas na realização de estudos acadêmicos mais aprofundados, mas também na colaboração ativa com as comunidades Xerente para assegurar que sua voz e perspectiva sejam centrais na pesquisa. Isso envolve reconhecer os anciãos e outros membros da comunidade, cujos insights e experiências são indispensáveis para uma compreensão autêntica dos processos educativos indígenas. Além disso, é fundamental que tais pesquisas sejam conduzidas de maneira ética, respeitando a soberania cultural dos Xerente e buscando formas de retornar os benefícios da pesquisa à comunidade. Tal empreendimento requer uma abordagem interdisciplinar que combine métodos de pesquisa qualitativa com um compromisso profundo com os princípios da pesquisa participativa e colaborativa.

DESAFIOS NA EDUCAÇÃO INDÍGENA ATUAL

Como apresentado, a educação indígena contemporânea enfrenta uma série de desafios que refletem as tensões entre a preservação cultural e a

integração à sociedade mais ampla. No contexto do povo Akwẽ-Xerente, esses desafios são particularmente evidentes, dada a rica tradição oral e a importância dos rituais e práticas ancestrais na formação da identidade comunitária.

A implementação do sistema de ensino formal nas comunidades Akwẽ- Xerente, com a construção de escolas seguindo modelos não indígenas e a exigência de qualificação acadêmica para os professores, introduziu uma nova dinâmica na transmissão do conhecimento cultural.

Essa mudança representa um desafio para a preservação das tradições, uma vez que os anciãos, tradicionalmente responsáveis pela educação das novas gerações por meio de métodos orais e práticos, encontram-se marginalizados neste novo contexto.

A valorização da formação acadêmica em detrimento da sabedoria ancestral altera profundamente o papel dos anciãos na comunidade, limitando sua influência direta na educação dos jovens e na transmissão de valores culturais essenciais.

A consequência dessa transformação é um potencial perda de elementos fundamentais da identidade Akwẽ-Xerente. A sabedoria dos anciãos, que abrange desde conhecimentos específicos sobre a natureza¹⁰

¹⁰ O conceito de natureza emerge da interseção entre as ciências sociais, especialmente a antropologia e a geografia, e permite adjetivação do termo, gerando polissemia, ao incluir as práticas religiosas e espirituais. Na perspectiva antropológica, a natureza pode ter uma esfera sagrada, referindo-se a espaços ou elementos naturais que são considerados sagrados por determinados grupos culturais, sendo objetos de veneração, rituais e práticas espirituais. Esses espaços ou elementos naturais são vistos como manifestações do sagrado, desempenhando um papel central na construção de identidade e na organização social dessas comunidades. Na geografia, a natureza sagrada é analisada através da Geografia da Religião, que estuda como os espaços sagrados são percebidos, organizados e utilizados pelas sociedades. Essa abordagem considera a sacralidade atribuída a determinados lugares ou elementos naturais como parte da construção simbólica do espaço, influenciando a forma como as comunidades se relacionam com o ambiente e com o transcendente. Mircea Eliade, Émile Durkheim e Rudolf Otto contribuíram significativamente para a compreensão da sacralidade na natureza. Eliade, por exemplo, introduziu o conceito de hierofania, que descreve a manifestação do sagrado no mundo material, incluindo a natureza (ELIADE, 1992). Durkheim e Otto, por sua vez, exploraram a experiência do sagrado como uma dimensão vital da experiência humana (DURKHEIM, 1996), presente em diferentes tempos, épocas e culturas (OTTO, 1999). Além disso, estudos contemporâneos, como os realizados por Isabel Cristina Moura Carvalho e Carlos Alberto Steil, discutem a sacralização da natureza e a naturalização do sagrado, abordando como práticas ecológicas e religiosas se entrelaçam na construção de significados espirituais e ambientais (CARVALHO, 2012). Em resumo, a natureza sagrada é um conceito que transcende a mera materialidade dos elementos naturais, sendo uma

inclusive princípios éticos e espirituais que regem a vida comunitária, corre o risco de ser subutilizada ou mesmo esquecida.

A educação formal, ao focar predominantemente em conteúdos padronizados e avaliações baseadas em critérios externos, pode não conseguir abarcar a riqueza e a complexidade da cultura indígena, resultando em uma homogeneização do conhecimento e uma diluição das práticas tradicionais.

Acredita-se que para enfrentar esses desafios, é essencial reconhecer e reafirmar o valor inestimável dos anciãos no processo educativo. Isso implica em desenvolver estratégias que permitam a integração efetiva de seus conhecimentos e métodos de ensino no currículo escolar.

A colaboração entre professores formalmente qualificados e anciãos poderia enriquecer o processo educacional, criando um diálogo entre a sabedoria ancestral e o conhecimento acadêmico. Tal abordagem não apenas fortaleceria a identidade cultural dos jovens Akwẽ-Xerente, mas também promoveria uma maior compreensão e apreciação da diversidade cultural e do patrimônio imaterial que os anciãos representam.

Além disso, a criação de programas de formação para professores que enfatizem a importância da cultura indígena e preparem os educadores para trabalhar em conjunto com os anciãos também poderia ser um caminho para esta integração.

A educação indígena deve ser vista como um processo holístico que valoriza todas as formas de conhecimento, garantindo que a transmissão da cultura Akwẽ-Xerente continue a ser vibrante e relevante para as futuras gerações. Reconhecendo os anciãos como educadores essenciais, as comunidades podem assegurar que sua herança cultural seja preservada e respeitada no contexto da educação formal. Diante deste contexto, pode-se apresentar três desafios emergentes para a Comunidade Xerente:

construção simbólica que reflete as crenças, valores e práticas de diferentes culturas, desempenhando um papel fundamental na organização social e na experiência espiritual das comunidades.

1. Integração do conhecimento cultural no currículo escolar

Um dos principais desafios enfrentados pela educação indígena atual é a integração efetiva do conhecimento cultural no currículo escolar. Darci Kruze (2009), ao relatar sua experiência como aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA), destaca a dificuldade de aprender práticas culturais tradicionais, como a confecção de arcos e flechas, por meio de métodos de ensino convencionais.

Os livros didáticos, por exemplo, podem descrever esses objetos, mas falham em transmitir o conhecimento prático e as nuances culturais envolvidas em sua produção (Giraldin, 2009). Essa lacuna entre a teoria e a prática evidencia a necessidade de abordagens pedagógicas que valorizem e incorporem as metodologias de ensino baseadas na experiência e na oralidade, características fundamentais da transmissão de conhecimento nas comunidades indígenas.

2. DESINTERESSE DOS JOVENS NAS TRADIÇÕES CULTURAIS

Outro desafio significativo é o crescente desinteresse dos jovens pelas tradições culturais. A preferência por adquirir artesanatos de outros povos, em vez de aprender a confeccioná-los, e a valorização de elementos culturais externos são sintomas de um distanciamento entre a juventude Akwẽ-Xerente e suas raízes ancestrais.

Esse fenômeno não apenas ameaça a preservação de práticas e rituais tradicionais, mas também enfraquece os laços comunitários e a transmissão de valores culturais essenciais. A situação é agravada pelo envolvimento dos jovens com as escolas, que, segundo relatos, nem sempre conseguem abordar de forma adequada os aspectos sociais e culturais específicos do povo Akwẽ-Xerente.

3. A NECESSIDADE DE AUTONOMIA E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

Valéria Melo (2010), em sua dissertação de mestrado, aborda a importância da autonomia do aprendiz e sugere que a aparente falta de

interesse dos jovens pode levar os anciãos a se abster de transmitir seus saberes. Essa dinâmica ressalta a necessidade de estratégias educacionais que promovam a participação ativa da comunidade e valorizem a sabedoria dos anciãos, garantindo que os jovens reconheçam a importância de sua herança cultural.

A educação indígena, portanto, deve ser concebida como um processo colaborativo, que respeite e integre os conhecimentos tradicionais e as perspectivas dos membros mais velhos da comunidade. Para superar esses desafios, pesquisadores como Giralдин (2010) e são uníssonos em afirmar que é fundamental desenvolver abordagens pedagógicas que sejam culturalmente relevantes e adaptadas às necessidades específicas do povo Akwẽ-Xerente.

Isso implica em uma maior flexibilidade curricular, permitindo a incorporação de conteúdos e métodos de ensino que reflitam a riqueza cultural da comunidade. Além disso, é essencial fomentar um diálogo contínuo entre educadores, anciãos e alunos, de modo a construir um ambiente educacional que seja verdadeiramente inclusivo e representativo da diversidade cultural indígena.

A educação indígena contemporânea, portanto, encontra-se em um ponto crítico, no qual a necessidade de preservar a identidade cultural e os saberes tradicionais deve ser equilibrada com as demandas de um mundo em constante mudança. Superar esses desafios requer não apenas uma revisão dos currículos e métodos de ensino, mas também uma reafirmação do valor da cultura indígena como componente central da educação.

CONSIDERAÇÕES

A sistematização de informações já publicadas, aliada à valorização da voz dos Anciãos, emerge como um recurso inestimável para a elaboração de estratégias interculturais. Essas estratégias têm o potencial não apenas de enriquecer o currículo formal nas escolas indígenas, mas também de facilitar a reintegração dos anciãos no ambiente escolar das aldeias Xerente.

A presença dos anciãos nas escolas, compartilhando seus conhecimentos, sabedorias e práticas culturais, é fundamental para a preservação da identidade Akwẽ-Xerente. São eles os portadores de um legado

cultural que constitui a espinha dorsal da comunidade, desempenhando um papel crucial na transmissão de valores, línguas e tradições.

Essa participação ativa dos anciãos não só honra e preserva a riqueza cultural dos Akwẽ-Xerente, mas também assegura que as gerações mais jovens recebam uma educação que é verdadeiramente enraizada em sua herança ancestral. A transição para um sistema educacional formal introduziu novas dinâmicas que, embora ofereçam oportunidades de acesso a conhecimentos globais, também ameaçam diluir a essência cultural que define o povo Akwẽ- Xerente.

Por isso a construção de um sistema educacional que reconhece e valoriza a diversidade cultural, promovendo um diálogo enriquecedor entre diferentes formas de conhecimento, não apenas beneficia os alunos indígenas, proporcionando-lhes uma educação mais relevante e significativa, mas também enriquece o corpo docente e a comunidade escolar como um todo, ao incorporar uma visão de mundo mais ampla e diversificada.

Portanto, este estudo reitera a necessidade de um compromisso contínuo com a pesquisa e a sistematização de conhecimentos sobre o currículo no Warã, bem como, a importância de ouvir e integrar a voz dos anciãos nas práticas educativas.

Ao fazer isso, podemos avançar em direção a um futuro em que a educação nas aldeias Xerente seja um reflexo vibrante de sua rica tradição cultural, ao mesmo tempo em que prepara os jovens para navegar no mundo contemporâneo com confiança e competência.

5. O FOGO QUE ILUMINA A TRADIÇÃO: do Warã à carta de esperança

Este capítulo final convida a uma imersão sem precedentes nas tradições e saberes do povo Xerente, apresentando os resultados da pesquisa realizada. Diferentemente das páginas acadêmicas convencionais, este relato se nutre da oralidade, da memória viva dos anciãos, guardiões de informações inéditas e perspectivas únicas.

Como membro do povo Xerente e pesquisador, o autor goza de certos privilégios ao estar inserido na aldeia, atuando como professor e compartilhando o cotidiano com seus pares. Tal condição permite acesso ímpar a conhecimentos e histórias que, de outra forma, permaneceram inacessíveis.

As palavras aqui transcritas ecoam nas tentativas contínuas de transmissão de geração em geração, pelos anciãos ainda existentes, preservando a autenticidade e a riqueza da cultura Xerente. É neste capítulo que os dados coletados durante a pesquisa são não apenas apresentados, mas também analisados à luz do referencial teórico, entrelaçando o conhecimento acadêmico com a sabedoria ancestral.

Considerando o objetivo central desta pesquisa – o resgate e a valorização da memória ancestral – o texto é apresentado em sua forma mais genuína, um convite a ouvir com o coração, a sentir a força das histórias e a compreender a profundidade do conhecimento ancestral que reside em cada palavra.

Por questões éticas e para preservar o anonimato dos entrevistados, o nome do ancião, personagem central na narrativa, foi substituído por *Kwakuwa*, uma fusão dos nomes dos verdadeiros anciãos que compartilharam suas experiências e saberes.

Os recursos textuais utilizados – as LETRAS MAIÚSCULAS, os itálicos, as "aspas" e outros elementos gráficos – não são meros artifícios estilísticos, mas ferramentas intencionalmente empregadas para transmitir ao leitor o que foi absorvido nas entrelinhas dos dados coletados. Cada recurso carrega uma camada adicional de significado, buscando traduzir para a linguagem escrita as nuances, as ênfases e as emoções presentes na tradição oral Xerente,

convidando o leitor a uma experiência que transcende a mera leitura e se aproxima do ato sagrado de ouvir as histórias contadas pelos guardiões da sabedoria ancestral.

5.1. A CHAMA DA MEMÓRIA: encontro ao redor da fogueira

A noite veste a aldeia Xerente com um manto de estrelas, enquanto o crepitar da fogueira ecoa como um tambor ancestral, chamando os corações para perto. Ao redor das chamas dançantes, sentam-se os jovens guerreiros e as futuras mães, seus olhos brilhando com a curiosidade que pulsa em cada nova geração. No centro, *Kwakuwa*, o ancião, o guardião das memórias, ergue sua voz como um elo entre o passado glorioso e o futuro promissor.

Meus jovens, começa Kwakuwa, sua voz carregada de sabedoria e afeto, hoje não contarei apenas uma história, mas desvendarei os segredos do nosso Warã, o coração pulsante da nossa aldeia, o farol que guia nossos passos através das eras.

Kwakuwa, um humilde guardião das memórias dos ancestrais, convida os jovens a contemplarem as chamas, a observarem a harmonia em cada movimento, a luz e o calor que emanam. Assim é o Warã, explica ele, um conjunto de saberes, tradições e rituais que nos unem como povo, que nos fortalecem como comunidade.

5.2. UM TEMPO SEM FOGO: a era da desordem

Com palavras que pintam imagens vívidas, *Kwakuwa* transporta os jovens para um tempo distante... *Antigamente, como me contavam meus avós, a vida era diferente, mais selvagem, menos organizada.*

Imaginem um tempo sem o calor reconfortante do fogo, sem a luz que afasta os espíritos da noite, sem a possibilidade de cozinhar nossos alimentos, de transformar a mandioca em beiju, de assar a carne da caça. Nossos antepassados comiam seus alimentos crus, na temperatura da terra, como me dizia meu avô. A pintura corporal era uniforme, sem distinção, sem clãs. Não havia regras sociais, o respeito era escasso, e a vida era uma constante brincadeira, por vezes, desordenada.

A voz de *Kwakuwa* ecoa com a preocupação do Sol, o criador, que observava seus filhos Akwẽ com apreensão. *Ele via a falta de organização, a*

ausência de um sistema que garantisse a harmonia e o respeito entre todos. Ele sabia que, para prosperarmos como povo, precisávamos de algo mais, de um elemento que nos unisse e nos guiasse.

5.3. **A MISSÃO DO JOVEM: a luz que transforma**

A narrativa de Kwakuwa ganha um novo ritmo, um tom de aventura e esperança.

E foi assim que o Sol, em sua infinita sabedoria, escolheu um jovem e seu cunhado para trazerem a luz para as nossas vidas. Meus avós contavam essa história com um brilho nos olhos, como se estivessem revivendo cada momento daquela jornada.

Um dia, um homem, ao retornar da caça, ouviu o barulho familiar de araras vermelhas alimentando seus filhotes em um penhasco. Era um som comum, mas naquele dia, algo o tocou de forma diferente. No dia seguinte, ele convidou seu cunhado, um jovem cheio de vida e curiosidade, para acompanhá-lo na busca pelos filhotes. Mal sabia o jovem que esse convite selaria seu destino de uma maneira que jamais poderia imaginar.

No caminho para o penhasco, o jovem, com um pressentimento inexplicável, pegou três pedras brancas, lisas e redondas, que lembravam ovos de arara, contavam meus avós. Ele as guardou consigo, sem saber o que o futuro lhe reservava, sem imaginar que aquelas pedras seriam importantes em sua provação.

Ao chegarem ao penhasco, a traição se revelou em toda a sua crueldade. O homem, movido por uma inveja inexplicável, abandonou o jovem no alto, sem escada, sem corda, sem qualquer meio de descer. Deixou-o à própria sorte, exposto aos perigos da natureza e à própria solidão.

Imaginem a angústia, o medo e a solidão daquele jovem, diziam meus avós, com a voz embargada pela emoção. Sozinho no alto do penhasco, sem água, sem comida, exposto ao sol escaldante durante o dia e ao frio cortante da noite. Para sobreviver, ele se alimentava de suas próprias fezes e bebia sua urina,

numa luta desesperada pela vida. Mas a esperança, meus jovens, nunca deve morrer. A esperança é como uma chama que arde mesmo nas trevas mais profundas.

Os dias se transformaram em semanas, e o jovem, cada vez mais fraco e desnutrido, clamava por ajuda. Foi então que, em um momento de puro desespero, ele ouviu um som diferente, um chamado da natureza. Uma onça pintada surgiu, majestosa e imponente, comovida com a história do jovem.

A onça, meus jovens, era um espírito da floresta, um guardião da natureza", explicavam meus avós. Ela ouviu o clamor do jovem e decidiu ajudá-lo. Com cuidado e gentileza, a onça o ajudou a descer do penhasco e o levou para sua casa, um lugar seguro e acolhedor no coração da floresta.

Na casa da onça, o jovem foi recebido com desconfiança pela onça fêmea, que via nele um estranho, um ser diferente. Mas a onça macho, com sua sabedoria ancestral, convenceu a companheira a cuidar do jovem, a alimentá-lo e a protegê-lo.

A onça fêmea, com o tempo, aprendeu a amar o jovem como se fosse seu próprio filho, contavam meus avós. Ela o alimentava com carne fresca, o protegia do frio e o ensinava os segredos da floresta. O jovem, por sua vez, admirava a forma como a carne era assada, com um sabor e um aroma que ele nunca havia experimentado antes.

Um dia, a curiosidade do jovem o levou a perguntar sobre o segredo do fogo. A onça macho, vendo a sinceridade em seus olhos, decidiu revelar o mistério. "E assim foi", diziam meus avós, com um tom de reverência. "A onça levou o jovem até um pedaço de pau de jatobá, que queimava em brasa, emitindo uma luz quente e acolhedora. Aquele era o fogo, o elemento que mudaria para sempre a vida do povo Akwẽ."

No dia seguinte, a onça entregou ao jovem um recipiente cheio de carne assada, um arco e flecha e uma lança, preparando-o para a jornada de volta à sua aldeia. Guiou-o até a beira da floresta e o deixou seguir seu caminho, com a promessa de que estaria sempre observando.

O retorno do jovem foi marcado pelo medo e pela incerteza, contavam meus avós. Ele se escondeu nas sombras, temeroso da reação de seu povo. Mas, ao ser reconhecido por dois meninos, a notícia de seu retorno se espalhou como fogo na palha.

A princípio, ninguém acreditou na história do jovem. Muitos pensaram que ele estava morto, que era apenas um fantasma vagando pela floresta. Mas, ao vê-lo de perto, ao tocarem em sua pele, a emoção tomou conta de todos.

O jovem, então, revelou o segredo do fogo", diziam meus avós, com orgulho. E toda a comunidade, movida pela curiosidade e pela esperança, decidiu ir buscá-lo. No local, organizaram a forma de transportar o fogo e o levaram correndo até a aldeia. As brasas que caíram foram aproveitadas pelo jacu, um tipo de ave, por isso essa ave tem o pescoço vermelho, como uma lembrança daquele dia mágico.

E assim, o fogo chegou à aldeia, transformando para sempre a vida do povo Akwẽ. Com o fogo, vieram o calor, a luz, a proteção e a possibilidade de cozinhar os alimentos, tornando-os mais saborosos e nutritivos. O jovem, que antes era apenas um menino, se tornou um herói, um símbolo de coragem, esperança e perseverança.

Essa história, meus jovens, é uma lição sobre a importância de nunca perdermos a esperança, mesmo nos momentos mais difíceis. É uma lição sobre a importância de valorizarmos a natureza e de respeitarmos os animais, que podem ser nossos amigos e aliados. E é uma lição sobre a importância de compartilharmos nossos conhecimentos e nossas descobertas com os outros, para que todos possam se beneficiar.

5.4. OS DEGRAUS DA SABEDORIA: o Warã, berço da identidade Akwẽ

Com o fogo sagrado no centro da aldeia, um novo tempo amanheceu para o povo Akwẽ. A luz que emanava das chamas não apenas aquecia os corpos, mas também iluminava as mentes e os corações, guiando-os em direção a um futuro de sabedoria e harmonia. *Ali mesmo, conta Kwakuwa, com a voz carregada de emoção, foi realizado um ritual de pintura corporal, onde nasceram os seis clãs:*

Kuzâ, Wahirê, Kbazi, Krito e Krãiprehi.

Daquele momento de conexão profunda com os espíritos ancestrais, surgiu a inspiração para construir seis ocas grandes, cada uma representando um degrau na jornada de aprendizado e crescimento dos jovens Akwê. *Essas ocas,* explica Kwakuwa, *foram nomeadas Warã, que significa 'casa de ensino'.*

O Warã, mais do que um simples conjunto de construções, tornou-se o coração pulsante da aldeia, o berço da identidade Akwê. *As seis ocas, detalha Kwakuwa, representavam os degraus do ensino, onde os meninos eram matriculados a partir dos 6 anos, após um ritual de passagem que marcava o início de sua jornada rumo à sabedoria.*

Assim, meus jovens, continua Kwakuwa, com um brilho nos olhos, *nasceu o Warã, o espaço sagrado onde aprendemos a ser Akwê, onde cultivamos nossos valores, onde honramos nossos ancestrais.* O Warã, mais do que um local físico, é um estado de espírito, uma conexão profunda com a natureza, com os espíritos, com os antepassados.

É um lugar de respeito mútuo, de cuidado com o próximo, de trabalho em conjunto para o bem de todos. *No Warã, explica Kwakuwa, aprendemos a caçar, a pescar, a plantar, a construir, a tecer, a cantar, a dançar, a guerrear. Aprendemos a utilizar os recursos da natureza de forma sustentável, a proteger o meio ambiente, a honrar os animais e as plantas.*

O Warã transcende o aprendizado de habilidades práticas. *Nele, aprendemos a ser Akwê,* dizia Kwakuwa, com a serenidade de quem guarda a sabedoria ancestral. *Ali, a cultura era valorizada, as tradições eram preservadas e os ancestrais honrados. O Warã ensina sobre pertencimento: somos parte de um todo, conectados à natureza, aos espíritos e às linhas contínuas do tempo – passado, presente e futuro.* Essa jornada, composta por seis degraus, é mais do que um rito de aprendizado; é a formação de guardiões da essência Akwê. Cada nível, com sua singularidade e desafios, fundamenta um ciclo integral de sabedoria. Como degraus de uma escada que conduz ao autoconhecimento e à responsabilidade comunitária, o Warã prepara os jovens para suas funções na aldeia e os conecta ao legado ancestral que sustentará o futuro.

Com a voz carregada de sabedoria e reverência, *Kwakuwa* apresenta os seis níveis do Warã, cada um desempenhando um papel indispensável na construção de um Akwẽ pleno, profundamente conectado à cultura, à comunidade e à espiritualidade:

- **O Primeiro Degrau - a infância sagrada:** *no primeiro degrau, meus jovens, as crianças aprendem sobre o respeito aos mais velhos, o amor à natureza e a importância da comunidade. Por meio de jogos, cantos e histórias, elas são introduzidas aos valores fundamentais da nossa cultura. Aprendem sobre os animais, as plantas, os rios, as florestas, e como viver em harmonia com o meio ambiente. Aprendem sobre os espíritos, os ancestrais, e como honrar aqueles que vieram antes de nós.*
- **O Segundo Degrau - a descoberta do corpo:** *no segundo degrau, os jovens começam a explorar seus corpos, suas emoções, seus talentos. Aprendem sobre a pintura corporal, a dança, a música, e como expressar sua identidade por meio da arte. Aprendem sobre a caça, a pesca, a agricultura, e como garantir a nossa sobrevivência por meio do trabalho. Aprendem sobre a importância da higiene, da saúde, e como cuidar de seus corpos para que sejam fortes e saudáveis.*
- **O Terceiro Degrau – a força da comunidade:** *no terceiro degrau, os jovens aprendem sobre a importância da comunidade, da cooperação, da solidariedade. Aprendem sobre a organização social, as leis, os costumes, e como viver em harmonia com os outros. Aprendem sobre a importância do diálogo, da negociação, da resolução de conflitos, e como construir uma sociedade justa e igualitária.*
- **O Quarto Degrau - a sabedoria dos Ancestrais:** *no quarto degrau, os jovens mergulham na história do nosso povo, nos ensinamentos dos nossos ancestrais, na sabedoria do Warã. Aprendem sobre os clãs, os rituais, as tradições, e como preservar a nossa cultura para as futuras gerações. Aprendem sobre a importância da memória, da oralidade, e como transmitir nossos conhecimentos por meio das histórias.*
- **O Quinto Degrau - a responsabilidade do Guerreiro:** *no quinto degrau, os jovens se preparam para a vida adulta, assumindo responsabilidades na comunidade, defendendo nosso povo, protegendo nossa terra. Aprendem*

sobre a arte da guerra, a estratégia, a coragem, e como lutar com honra e justiça. Aprendem sobre a importância da liderança, da diplomacia, e como construir alianças com outros povos.

- **O Sexto Degrau - a conexão com o Sagrado:** *no sexto degrau, os jovens se conectam com o sagrado, com os espíritos, com o mistério da vida. Aprendem sobre a medicina tradicional, a cura, a espiritualidade, e como manter o equilíbrio entre o corpo, a mente e a alma. Aprendem sobre a importância da fé, da esperança, do amor, e como viver uma vida plena e significativa.*

Kwakuwa conclui, com a voz carregada de emoção: assim, meus jovens, o Warã nos guia desde a infância até a vida adulta, nos ensinando a ser Akwẽ, a valorizar nossa cultura, a preservar nossas tradições, a honrar nossos ancestrais. Que possamos sempre seguir os degraus da sabedoria, para que o Warã continue a brilhar como um farol, guiando nossos passos por meio das eras.

5.5. OS GUARDIÕES DA CHAMA: os transmissores da cultura no Warã

No coração do Warã, em meio às ocas sagradas e aos rituais ancestrais, reside uma figura de extrema importância: o transmissor da cultura. Mas não é qualquer um que pode ascender a essa posição de honra e responsabilidade. Apenas aqueles que, com dedicação e disciplina, alcançam o sexto degrau do Warã, o nível da conexão com o sagrado, estão aptos a assumir a nobre missão de guiar os jovens pelos caminhos do aprendizado, transmitindo os valores, os costumes e a história do povo Akwẽ.

O transmissor da cultura transcende a figura de um mero educador; ele é o guardião da sabedoria ancestral, a ponte viva que conecta o presente aos espíritos e aos antepassados. Sua escolha, revestida de solenidade e responsabilidade, não se baseia apenas em critérios objetivos, mas em qualidades intrínsecas que emanam de sua alma. A sabedoria, a experiência acumulada ao longo dos anos, o profundo conhecimento das tradições e, acima de tudo, a devoção inabalável à comunidade Akwẽ-Xerente são os pilares que sustentam sua indicação.

Uma vez investido nessa sagrada missão, o transmissor da cultura assume um compromisso que transcende a esfera profissional, permeando todos os aspectos de sua existência. A abnegação se manifesta na renúncia a uma vida pessoal convencional: ele abre mão de construir uma família nuclear, de buscar prazeres individuais e de se dedicar a atividades que o afastem do bem-estar coletivo.

Abstém-se de envolvimento românticos, pois seu coração e sua mente devem estar totalmente voltados para o serviço à comunidade, para o cuidado com os jovens e para a preservação das tradições. Sua morada torna-se um espaço aberto a todos, um refúgio para aqueles que buscam orientação e sabedoria.

Sua vida se torna um exemplo de abnegação e serviço, um farol de luz que ilumina a jornada dos jovens em busca do autoconhecimento e do crescimento espiritual. Cada passo, cada palavra, cada gesto do transmissor da cultura é guiado pelo propósito de preservar e fortalecer a identidade Akwẽ-Xerente, garantindo que as futuras gerações trilhem o caminho da sabedoria ancestral. Sua renúncia é, portanto, um ato de amor incondicional ao seu povo, uma entrega total ao legado que lhe foi confiado.

Com a paciência de um jardineiro que cuida de suas plantas, o transmissor da cultura acompanha cada jovem em sua jornada individual, adaptando seus ensinamentos às necessidades e aos talentos de cada um. Ele sabe que cada Akwẽ é único, com suas próprias habilidades e potenciais, e que é seu papel ajudá-los a florescer em sua plenitude.

O transmissor da cultura domina a arte da oralidade, transmitindo seus conhecimentos por meio de histórias, cantos, danças e rituais. Suas palavras, carregadas de imagens vívidas e metáforas ancestrais, despertam a imaginação dos jovens, transportando-os para tempos remotos, onde os deuses caminhavam pela terra e os heróis Akwẽ realizavam “feitos extraordinários”.

Ele conhece os segredos da natureza, os poderes das plantas medicinais, o comportamento dos animais, os ciclos da vida. Ele ensina aos jovens como viver em harmonia com o meio ambiente, como utilizar os recursos de forma

sustentável, como honrar os espíritos da floresta.

O transmissor da cultura é um mestre na arte da pintura corporal, ensinando aos jovens o significado de cada traço, de cada cor, de cada símbolo. Ele explica como a pintura corporal expressa a identidade de cada clã, como ela conecta os Akwẽ com os espíritos ancestrais, como ela protege contra as energias negativas.

Ele é um guardião dos rituais, conduzindo as cerimônias com respeito e reverência, transmitindo aos jovens o significado de cada gesto, de cada palavra, de cada oferenda. Ele explica como os rituais fortalecem os laços entre os membros da comunidade, como eles celebram a vida, como eles honram os antepassados.

O transmissor da cultura é um líder inspirador, um exemplo de sabedoria, humildade e coragem. Sua vida, dedicada ao serviço da comunidade, inspira os jovens a seguirem seus passos, a se tornarem guardiões da cultura, defensores da natureza, elos entre o passado e o futuro.

E quando chega o momento de partir, de se juntar aos espíritos ancestrais, o transmissor da cultura deixa um legado de sabedoria e amor, um farol que continuará a guiar os jovens Akwẽ por meio das eras. Seu nome, gravado na memória da comunidade, será lembrado com respeito e admiração, como um exemplo de um Akwẽ completo, um guardião da chama da cultura, um servo dedicado ao bem-estar de seu povo.

5.6. O LEGADO EM RISCO: a necessidade de preservar

A voz de Kwakuwa ganha um tom de alerta, de urgência. O fogo, meus jovens, é um presente dos deuses, mas também uma grande responsabilidade. Devemos usá-lo com sabedoria, com respeito, com moderação.

Assim como o fogo, o Warã é um legado que precisa ser preservado, transmitido às futuras gerações. *Lembrem-se sempre, meus jovens, que o Warã é*

o coração da nossa aldeia, o elo que nos une como povo. Cuidem dele com carinho, com dedicação, com amor. Pois o Warã é a nossa história, a nossa cultura, a nossa identidade. O Warã é quem nós somos.

O Warã, explica Kwakuwa, não precisa ser algo estático, mas deve ser uma jornada contínua, uma adaptação aos novos tempos. Cabe a vocês, jovens guerreiros, futuras mães, dar continuidade a essa jornada, preservar nossos valores, cultivar nossas tradições e construir um futuro ainda mais glorioso para o nosso povo.

Kwakuwa conclama os jovens a lembrarem-se das palavras dos ancestrais, dos ensinamentos dos mais velhos, da sabedoria do Warã. Sejam fortes, sejam corajosos, sejam honestos, sejam justos. Amem a natureza, respeitem os espíritos, honrem seus antepassados. E nunca se esqueçam de que vocês são Akwẽ, filhos do Sol, herdeiros do fogo, guardiões do Warã.

5.7. O DESEJO DE ACENDER A CHAMA DA MUDANÇA: uma carta à autoridade

A conversa ao redor da fogueira acende nos corações dos jovens um desejo profundo de preservar a cultura Akwẽ, de fortalecer o Warã, de garantir que as futuras gerações conheçam e valorizem suas raízes. A partir desse desejo, surge a ideia de escrever uma carta à autoridade educacional do estado, um apelo para que a escola seja uma aliada na preservação da cultura, e não um instrumento de alienação.

A comunidade se une na elaboração da carta, cada um contribuindo com suas ideias, suas preocupações, seus sonhos. Kwakuwa, com sua sabedoria ancestral, dita as palavras que expressam o anseio do povo Xerente.

5.8. A CARTA: UM APELO À VALORIZAÇÃO DA CULTURA AKWÊ

À Ilustríssima Autoridade Educacional do Estado do Tocantins,

Com o respeito e a reverência que a sabedoria ancestral me ensinou, Kwakuwa, ancião e guardião das memórias do povo

Xerente, dita estas palavras, que um jovem relator, elo entre o passado e o futuro, transcreve para que cheguem ao seu coração e mente.

Saúdo-o em nome do Warã, o coração pulsante da nossa aldeia, o farol que guia nossos passos por meio das eras. O Warã, que significa "casa de ensino", é mais do que um conjunto de ocas; é um espaço sagrado onde aprendemos a ser Akwẽ, onde cultivamos nossos valores, onde honramos nossos ancestrais. É o lugar onde o passado e o presente se encontram, onde a tradição e a inovação se abraçam, onde a sabedoria ancestral ilumina o caminho para o futuro.

Recordo-me dos tempos de outrora, quando meus avós me contavam histórias do Warã, quando a vida era mais simples, mais conectada com a natureza, mais imersa na nossa cultura. Lembro-me das noites ao redor da fogueira, ouvindo os contos dos nossos antepassados, aprendendo sobre nossos clãs, nossos rituais, nossas tradições. Lembro-me da importância da pintura corporal, dos cantos, das danças, dos jogos, que nos ensinavam a ser guerreiros, a ser pais, a ser Akwẽ.

O Warã era o centro da nossa vida, o lugar onde aprendíamos a caçar, a pescar, a plantar, a colher. Era onde aprendíamos a construir nossas casas, a tecer nossos cestos, a fazer nossos adornos. Era onde aprendíamos a cantar, a dançar, a contar histórias. Era onde aprendíamos a ser guerreiros, a defender nossa aldeia, a proteger nosso povo.

Mas, acima de tudo, no Warã aprendíamos a ser Akwẽ, a valorizar nossa cultura, a preservar nossas tradições, a honrar nossos ancestrais. Aprendíamos que somos parte de um todo, que estamos conectados com a natureza, com os espíritos, com o passado, o presente e o futuro.

Hoje, com o coração apertado, vejo que o Warã, outrora tão vibrante e essencial, enfrenta desafios que ameaçam sua existência. A modernidade, com suas luzes e seus encantos, tem atraído nossos jovens para longe da aldeia, para longe da nossa cultura, para longe do nosso Warã.

A escola, que deveria ser uma aliada na preservação da nossa cultura, muitas vezes se torna um instrumento de alienação, ensinando valores e conhecimentos que pouco têm a ver com a nossa realidade, com as nossas necessidades, com os nossos sonhos. As propostas curriculares, em sua maioria, ignoram a riqueza da nossa cultura, a sabedoria dos nossos anciãos, a importância do Warã.

Os jovens, ao se formarem, se sentem deslocados, desvalorizados, desmotivados a permanecer na aldeia. Buscam oportunidades em outros lugares, em outras culturas, em outras vidas. E, ao partirem, levam consigo um pedaço do nosso Warã, um pedaço da nossa alma, um pedaço da nossa história.

Por isso, venho, com humildade e esperança, solicitar o seu empenho, a sua atenção, o seu apoio. Peço que olhe para o nosso Warã com os olhos do coração, que compreenda a sua importância, que valorize a sua sabedoria.

Peço que as propostas curriculares sejam revistas, que a cultura Xerente seja valorizada, que os conhecimentos dos nossos anciãos sejam reconhecidos, que o Warã seja integrado à educação dos nossos jovens.

Peço que a escola seja um espaço de diálogo, de troca de saberes, de construção de pontes entre o passado e o futuro. Que os jovens aprendam sobre o mundo moderno, mas sem esquecer suas raízes, sem abandonar seus valores, sem renunciar à sua identidade.

Peço que sejam criadas oportunidades para que os jovens permaneçam na aldeia, para que possam aplicar seus conhecimentos em benefício da nossa comunidade, para que possam contribuir para o desenvolvimento sustentável da nossa terra.

Peço que sejam incentivadas as atividades culturais, os rituais, as festas, que fortalecem os laços entre os membros da nossa comunidade, que celebram a nossa história, que mantêm vivo o nosso Warã.

Peço que sejam apoiadas as iniciativas que visam a preservação do nosso meio ambiente, a proteção dos nossos recursos naturais, a garantia da nossa soberania alimentar.

Peço que sejam promovidos os intercâmbios culturais, as parcerias com outras comunidades indígenas, com outras escolas, com outras instituições, que enriquecem o nosso conhecimento, que ampliam os nossos horizontes, que fortalecem a nossa luta.

Peço que sejam criados espaços de escuta, de diálogo, de participação, onde os jovens possam expressar suas opiniões, seus anseios, seus sonhos. Que sejam ouvidos, valorizados, respeitados.

Peço que sejam formados professores que conheçam a nossa cultura, que respeitem os nossos valores, que amem o nosso Warã. Que sejam capazes de transmitir seus conhecimentos de forma criativa, inovadora, envolvente.

Peço que sejam investidos recursos na infraestrutura da nossa escola, na aquisição de materiais didáticos, na formação continuada dos professores, na garantia de uma educação de qualidade para todos os nossos jovens.

Peço que sejam criados projetos que valorizem a nossa língua, a nossa arte, a nossa música, a nossa dança, a nossa culinária, a

nossa medicina tradicional. Que sejam divulgados, promovidos, celebrados.

Peço que sejam reconhecidos os nossos direitos, a nossa autonomia, a nossa identidade. Que sejamos respeitados como povo, como cultura, como Warã.

Acredito que, com o seu empenho, com a sua atenção, com o seu apoio, poderemos construir um futuro melhor para o nosso povo, um futuro em que o Warã continue a brilhar como um farol, guiando nossos passos através das eras.

Agradeço a sua escuta, a sua compreensão, a sua disponibilidade. Que os espíritos dos nossos ancestrais o iluminem, o protejam, o guiem.

Com respeito e esperança,

Kwakuwa, ancião e guardião das memórias do povo Xerente.

5.9. UM FUTURO ILUMINADO: a esperança renovada

Com a carta finalizada, a comunidade sente um misto de esperança e determinação. Acreditam que, com a força do Warã e a sabedoria de *Kwakuwa*, poderão construir um futuro em que a cultura Akwẽ continue a brilhar, guiando seus passos por eras. A carta, agora, torna-se um símbolo tangível da união da comunidade, um farol de esperança que será levado adiante com coragem e fé.

A jornada para a elaboração da carta fortaleceu os laços entre os membros da aldeia, reacendendo o orgulho em suas tradições e a convicção de que a cultura Akwẽ é um tesouro a ser preservado. Os jovens, inspirados pela sabedoria de *Kwakuwa* e pelo engajamento da comunidade, sentem-se mais conectados às suas raízes e motivados a contribuir para o futuro de seu povo.

A transmissão de conhecimento e a manutenção da cultura, valores intrínsecos ao Warã, ganham um novo impulso. Os mais velhos, encorajados pelo interesse dos jovens, compartilham suas histórias, seus saberes, suas

experiências com ainda mais entusiasmo. Os rituais e cerimônias, que antes pareciam distantes e desconectados da realidade moderna, agora são vistos como oportunidades de aprendizado e fortalecimento da identidade cultural.

A relação intrínseca com o meio ambiente, um dos pilares da cultura Akwẽ, é ressignificada. Os jovens compreendem a importância de preservar a natureza, de utilizar os recursos de forma sustentável, de honrar os espíritos da floresta. O Warã, como espaço de conexão com a natureza, laboratório vivo, onde aprendem sobre as plantas medicinais, os animais sagrados, os ciclos da vida.

O Warã, renasce como ponto de encontro entre o passado e o presente, ganha ainda mais relevância. As histórias dos antepassados serão recontadas com paixão, os rituais realizados com fervor renovado, os valores transmitidos com convicção. Ao mesmo tempo, os jovens serão incentivados a aprender sobre o mundo moderno, a utilizar as novas tecnologias, a se comunicar com outras culturas, mas sempre com o cuidado de não perder a essência, de não abandonar os valores, de não esquecer as tradições.

5.10. **A CELEBRAÇÃO DA IDENTIDADE: danças ao redor da fogueira**

Noite após noite, os jovens dançam ao redor da fogueira, celebrando a vida, a cultura e o Warã, a alma, o coração e a identidade do povo Xerente. A chama da fogueira, que outrora representou a escuridão e a desordem, agora simboliza a luz da sabedoria ancestral, a força da união comunitária e a esperança de um futuro em que a cultura Akwẽ continue a brilhar, guiando seus passos por meio das eras.

Enquanto a dança ecoa pela noite, *Kwakuwa* observa os jovens com um sorriso sereno no rosto. Ele sabe que o futuro do Warã está em boas mãos, que o legado do fogo será preservado, que a cultura Akwẽ continuará viva, pulsante, inspirando as futuras gerações. A carta, agora em mãos de um jovem mensageiro, parte em direção à autoridade educacional, levando consigo a esperança de um futuro mais justo, mais igualitário, mais Akwẽ.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar esta jornada imersiva nas tradições do povo Akwê-Xerente, emerge com clareza a urgência de um movimento em prol do Warã, o coração pulsante de sua identidade cultural. A pesquisa, conduzida com reverência e profundo respeito pela sabedoria ancestral, revela um cenário preocupante: a crescente dificuldade em encontrar anciãos que tenham vivenciado o Warã ou cujos pais tenham sido formados em seus ensinamentos. Essa escassez de guardiões da memória ancestral coloca em risco a própria essência da cultura Akwê-Xerente, demandando ações imediatas e eficazes.

O Warã, como outrora se manifestou, transcende a mera noção de espaço físico; ele personifica um ambiente de aprendizado coletivo, onde os anciãos desempenham um papel central, não apenas como transmissores de conhecimento, mas como figuras essenciais na manutenção da identidade cultural e na coesão social da comunidade.

A introdução de modelos educacionais formalizados, com suas infraestruturas modernas, paradoxalmente resultou na marginalização progressiva dos anciãos e na diluição dos conteúdos culturais tradicionais no currículo escolar. Essa transição acarretou uma perda significativa de oportunidades para as novas gerações aprenderem sobre sua própria cultura, história, língua e saberes de maneira orgânica e contextualizada.

A voz dos anciãos, outrora central na educação dos jovens, foi substituída por um currículo que, embora possa atender a certas normas acadêmicas, falha em incorporar o conhecimento e os valores fundamentais da cultura Akwê-Xerente. A expressão de preocupação por parte dos anciãos, que sentem a falta do espaço Warã como um local de valorização e ensino, destaca uma crise não apenas educacional, mas também cultural.

Eles percebem a estrutura atual como insuficiente para a transmissão da cultura, indicando uma desconexão profunda entre as práticas educacionais contemporâneas e as necessidades culturais e espirituais comunitárias.

Nesse contexto, a figura do transmissor da cultura emerge com ainda maior relevância. Ele não é apenas um professor, mas um guardião da sabedoria ancestral, um elo vivo com os espíritos e os antepassados. Sua escolha, feita com extrema cautela, recai sobre aqueles que demonstram sabedoria, experiência e profundo conhecimento das tradições e, acima de tudo, uma devoção inabalável à comunidade.

Contudo, a tradição que exige que o transmissor da cultura renuncie a uma vida pessoal convencional, abstendo-se de envolvimento romântico e dedicando-se exclusivamente aos assuntos da comunidade, pode representar um desestímulo para os jovens que almejam essa nobre missão. Essa exigência, embora carregada de simbolismo e respeito, pode limitar o número de candidatos dispostos a trilhar esse caminho, colocando em risco a continuidade da transmissão cultural.

Diante desse panorama, a escola indígena surge como um farol de esperança, a instituição capaz de assumir a nobre tarefa de garantir o ressurgimento do Warã no seio do povo Akwẽ-Xerente. É imperativo que a escola reconheça e valorize a riqueza da cultura Akwẽ-Xerente, integrando os conhecimentos ancestrais ao currículo escolar, promovendo o diálogo entre gerações e incentivando a participação ativa dos anciãos no processo educativo.

Acreditamos que é possível unir tradição e modernidade, construindo uma educação que prepare os jovens para os desafios do mundo contemporâneo, sem que, para isso, precisem renunciar à sua identidade e aos seus valores. Que a chama do Warã volte a iluminar o caminho do povo Akwẽ-Xerente, guiando seus passos rumo a um futuro de sabedoria, harmonia e prosperidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Leila Curcino; ROCHA, José Damião Trindade. Corpos que falam em silêncio: escola, corpo e cultura indígena Akwẽ–Xerente aldeia Rio Sono. *Humanidades & Inovação*, v. 7, n. 13, p. 106-116, 2020.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de J. A. P. de Almeida. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ARAÚJO, Marli Gondim de; SOUZA, Tiane Araújo de Paiva. A sabedoria tradicional originária indígena: encontro de sábios e sábias e previsões para a agricultura Xukuru. *Agroecologia*, Brasília - DF, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARRETO, M. L. F. Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

BERNARDO, W. M.; NOBRE, M. R. C.; JATENE, F. B. A prática clínica baseada em evidências: parte II - buscando as evidências em fontes de informação. *Rev. Assoc. Med. Bras.*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 104-108, 2004.

BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. (orgs.). Pesquisa qualitativa em educação. Piracicaba: Unimep, 1994.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Fenomenologia: Convergências e Divergências. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BOAS, Franz. Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BONATTI, Sônia Terezinha Baccin; OSÓRIO, Neila Barbosa; BONATTI, Daniel Eduardo; SANTANA, Leonardo Sampaio Baleeiro; GOMES, Glauce Gonçalves da Silva; NETO, Luiz Sinésio Silva; GOVEIA, André Ribeiro de; GONÇALVES, Eduardo Ribeiro. ROMKMĀDKĀ WAIHKU KMĀDKĀ PRÊ: Preservando o conhecimento a Universidade da Maturidade (UMA) realiza cerimônia de colação de grau da primeira turma indígena do polo Akwê-Xerente. *Revista Foco*, Curitiba (PR), v. 17, n. 2, e4355, p. 01-24, 2024.

COTRIM, R. G. P. M.; SÕPRE, A. X. Morfemas derivacionais Xerente (Jê). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 9, n. 1, 2017.

COVENTRY, T. H.; MASLIN-PROTHERO, S. E.; SMITH, G. Organizational impact of nurse supply and workload on nurses continuing professional development opportunities: an integrative review. *Journal of Advanced Nursing*, v. 71, n. 12, p. 2715-2727, 2015.

DA MATA BRITO, Wakedi. A chegada da tecnologia na educação do povo Xerente. *Articulando e Construindo Saberes*, v. 2, n. 1, 2017.

DELORS, J. (org.). Educação: um tesouro a descobrir. Relatório da UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação para o século XXI. Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura. UNESCO: 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

DOS SANTOS, L. B. et al. Pronatec campo-possibilidades & desafios: um estudo de caso a partir da prática do psicólogo educacional na educação profissional e tecnológica. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, v. 2, n. 19, p. 9835, 2020.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução de Álvaro L. A. de Almeida. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MELO, E. A. P. de; GONÇALVES, T. O. A Comunidade de Prática Xerente e suas matemáticas. *Zetetike*, Campinas, SP, v. 26, n. 1, p. 59–74, 2018. DOI: 10.20396/zet.v26i1.8650844. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8650844>. Acesso em: 21 maio. 2024.

MELO, Elisangela Aparecida Pereira de; GONÇALVES, Tadeu Oliver. Práticas socioculturais xerente in communities of practice. *Revista Exitus*, v. 7, n. 2, p. 191-

215,

2017.

MESQUITA, Rodrigo. Empréstimos linguísticos e code-switching em akwẽ xerente/português: contribuições para a sociolinguística, para a educação indígena e para o povo akwẽ. *Signótica*, v. 28, n. 2, p. 339-362, 2016.

NOLASCO, Genilson; GIRALDIN, Odair. Aprender e ensinar: a “pedagogia” akwẽ-xerente e a construção da pessoa. *Humanidades & Inovação*, v. 4, n. 3, 2017.

OSÓRIO, Neila Barbosa. Educação na velhice? Uma história de 11 anos na Universidade Federal do Tocantins. *DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, v. 4, n. 3, p. 01-02, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/4130/11594>.

Acesso em: 10 fev. 2022.

PENNAFORT, V. P. dos S. et al. Práticas integrativas e o empoderamento da enfermagem. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 16, n. 2, p. 289-295, 2012.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNLGER, B. P. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAWLS, John. *Uma Teoria da Justiça*. Tradução de Sérgio Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SANTOS, Milton. Território e sociedade: entrevista a Bertha Becker. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Roseany Calazans Lameira da; GÂNDARA, Luciana Pegoraro Penteado; OSÓRIO, Neila Barbosa. Relato de experiência: A arte da dança para os acadêmicos da UMA/UFT em tempos de pandemia. In: *Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo*. Anais... Palmas (TO): UMA/UFT, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/sigero2022/501345-RELATO-DE-EXPERIENCIA--A-ARTE-DA-DANCA-PARA-OS-ACADEMICOS-DA-UMAUFTE-EM-TEMPOS-DE-PANDEMIA>. Acesso em: 21 maio 2024.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

XERENTE, Rogério Srône; DA SILVA XERENTE, Sílvia Letícia Gomes. O contexto social e ações pedagógicas nas escolas indígenas Akwẽ. *Articulando e Construindo Saberes*, v. 2, n. 1, 2017.